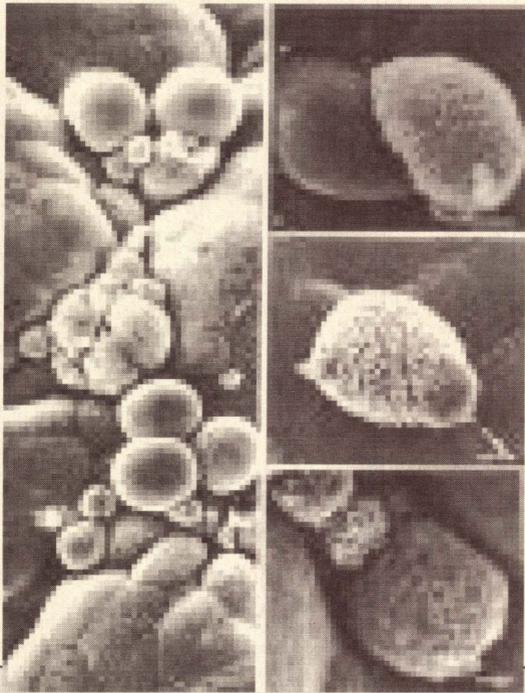


IMPRESSO

## O recado dos reitores ao novo presidente

Há pouco mais de um mês da posse de Luís Inácio Lula da Silva, 12 dirigentes de universidades federais indicam prioridades para o ensino superior

PÁGINAS 6 e 7



### *Pesquisa investiga células "suicidas"*

Doutorandos da UFRGS aprofundam estudos sobre a apoptose  
PÁGINA 3



### *Labirinto: da mitologia à internet*

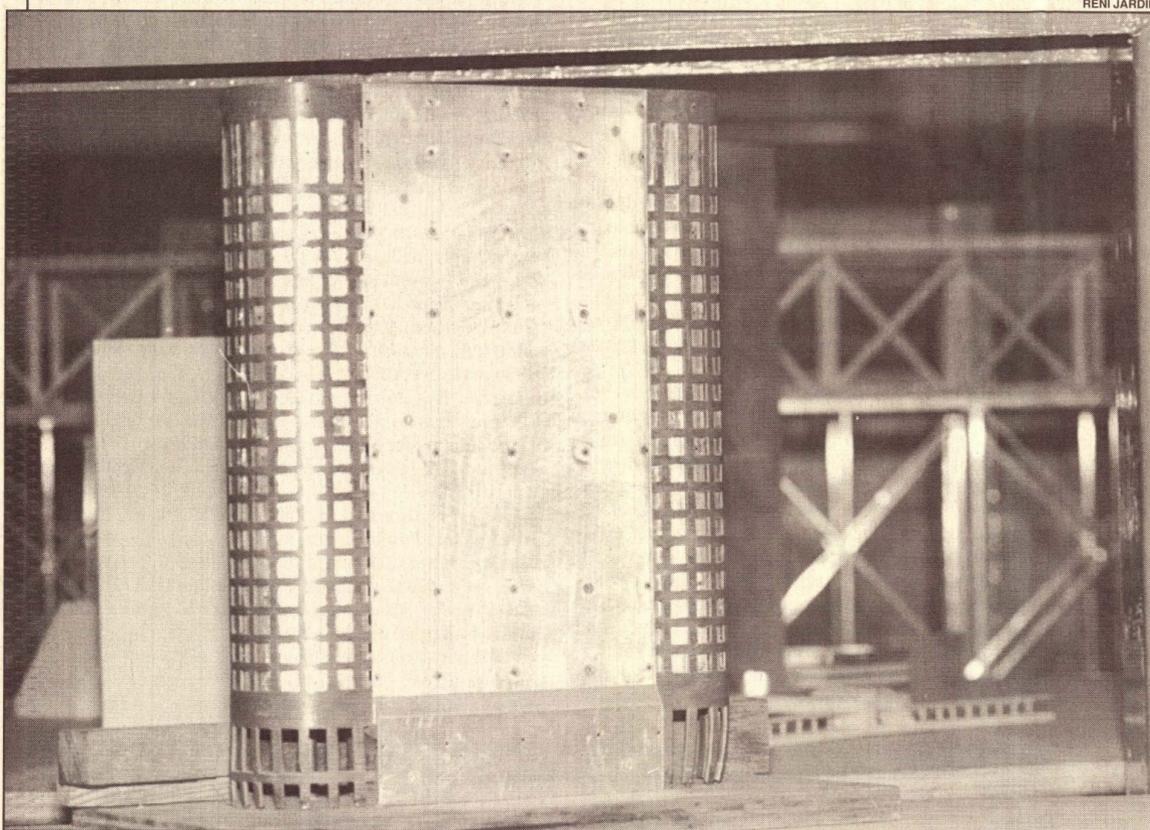
Criado no Egito, este símbolo da civilização já tem, pelo menos, 4.500 anos de história  
PÁGINA 10

### *Maison du Brésil tem exposição que homenageia seus criadores*

PÁGINA 9

### *Desejos de mudança e rumos inesperados*

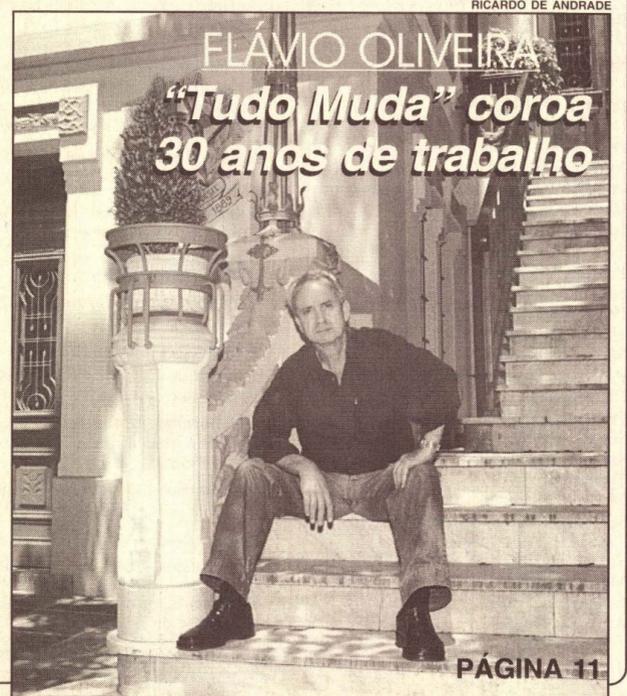
Enquanto, no País, o PT de Lula conquista enfim a confiança do eleitor, no Rio Grande do Sul, a população desaprova o partido, devolvendo o poder ao PMDB de Rigotto  
PÁGINAS 4 e 5



RENI JARDIM

### *Túnel de Vento está saindo dos laboratórios*

Equipamento traz mais economia e segurança na construção de edifícios  
PÁGINA 8



RICARDO DE ANDRADE

### *FLÁVIO OLIVEIRA "Tudo Muda" coroa 30 anos de trabalho*

PÁGINA 11

## Os reitores e o presidente

O Jornal da Universidade, que na edição de setembro trouxe a palavra dos presidentes sobre o ensino superior, traz nesta edição um recado dos reitores das universidades federais ao presidente eleito. O que cada reitor considera como prioridade em matéria de ensino superior? Leia na página central.

Acompanhe também os passos que levaram à eleição de Germano Rigotto para o governo do Rio Grande do Sul e veja como o eleitor brasileiro, vencendo um velho preconceito, escolheu um ex-torneiro-mecânico para presidente da República. Páginas 4 e 5.

O tema é recorrente e reaparece agora, às vésperas da posse de um novo presidente da República: as instituições de ensino superior devem ser desvinculadas do MEC? O secretário-executivo da Andifes, Gustavo Balduino acha que não. E explica por que na página 8.

Apoptose é uma palavra (grega) pouco conhecida fora dos meios científicos, embora o tema da morte celular tenha levado três pesquisadores a receber o Prêmio Nobel de 2002. Aqui na UFRGS, dois alunos de pós-graduação estão fazendo pesquisas no setor, que incluem o processo de autodestruição da células e podem ajudar na cura de doenças. Página 3.

O Laboratório de Aerodinâmica das Construções vem sendo procurado com frequência devido a seu trabalho um dispositivo chamado túnel de vento, usados para estudar o efeito do deslocamento de ar em coberturas, edificações, torres de energia e telefonia, controle da poluição e até no conforto e bem-estar de pedestres. Página 8.

Em Paris, a *Maison du Brésil*, que abriga estudantes brasileiros e estrangeiros na Cidade Universitária, passa por reforma, num esforço conjunto do governo brasileiro e do governo francês, e reabre em grande estilo. Uma exposição permanente mostra os 40 anos de existência da Casa e faz uma homenagem a dois grandes arquitetos: Lúcio Costa, autor do projeto inicial, e Le Corbusier que o executou. Página 9.

O perfil de novembro é o do professor Lúcio Haggemann, que em 1970 ajudou a implantar a Reforma Universitária na UFRGS e a criar o Instituto de Psicologia. Mesmo aposentado, ele não se desligou do ambiente universitário: faz parte da diretoria da Adurgs.

## ESPAÇO DA REITORIA

### A Democratização da Informação

● JOSÉ CARLOS FERRAZ HENNEMANN  
Vice-reitor

O Projeto de Democratização da Informação na UFRGS, iniciado em 1997, tem como missão a construção de bancos de dados e de sistemas para disponibilizar todos os tipos de informação à comunidade universitária. Sua estrutura prevê a realização de quatro ações: a capilarização da rede de dados; a modelagem e a construção dos bancos de dados; o desenvolvimento de sistemas de apoio às atividades acadêmicas e administrativas; e o apoio aos usuários no âmbito da Universidade. A qualificação das atividades acadêmicas pelo acesso às informações disponibilizadas em rede e o gerenciamento acadêmico e das atividades administrativas são resultados deste projeto em construção.

Em termos acadêmicos, a implantação do projeto já produziu efeitos sensíveis nas quatro atividades finalísticas da Universidade. No ensino de graduação temos, já em rede, os históricos escolares e as informações referentes às matrículas. Numa experiência piloto, os conceitos das disciplinas de cinco Unidades acadêmicas foram enviados exclusivamente através da rede no semestre 2002/1; este processo compreenderá todas as Unidades já ao final do semestre em curso. O cadastro dos alunos, disciplinas e cursos do ensino de Pós-Graduação está sendo implantado, e se constitui em elemento fundamental para a definitiva institucionalização desta modalidade de ensino. O Sistema Pesquisa disponibiliza informações sobre os projetos de investigação realizados pelos grupos de pesquisa e, no processo gradual de expansão da base, os projetos de extensão em breve estarão sendo cadastrados no sistema correspondente.

Até o final de 2002 teremos 75% das bibliotecas da Universidade integradas através do Sistema Aleph, adquirido em 1999, o que implica importantes benefícios tanto para o sistema de gerenciamento de circulação como para os membros da comunidade, que passam a ser usuários de todo o Sistema de Bibliotecas. Está disponível também a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, que mostra a produção acadêmica dos cursos de pós-graduação e dos departamentos. A utilização dos recursos computacionais beneficia, igualmente, os estudantes desde a sua inscrição no processo de seleção. Para o Concurso Vestibular 2003, 54% dos candidatos inscreveram-se através da internet. O Sistema Acadêmico, integrando as atividades de ensino, pesquisa e extensão, estará em condições de operação ao final do semestre 2003/2, permitindo assim, entre outras facilidades, a instrumentalização necessária das informações decorrentes da implantação das Diretrizes Curriculares.

Em se tratando das atividades administrativas, o sistema está estruturado no banco de dados Pessoa, que integra a identificação única e os dados pessoais, e conta com a padronização do Órgão de lotação; este banco é utilizado por todos os outros sistemas. A aquisição de bens e serviços foi facilitada pela informatização, o que inclui a emissão dos empenhos, a ordenação das despesas, os pregões eletrônicos e outros processos.

A democratização da informação continua sendo uma das prioridades da gestão. O atual estágio de desenvolvimento só é possível pela sinergia entre dois elementos: a dedicação e a qualificação dos analistas e programadores, coordenados pelo Centro de Processamento de Dados e integrados aos diversos setores da Administração Central; e o investimento de recursos financeiros, tanto orçamentários como aqueles captados, competitivamente, para tal fim. Devido aos avanços na tecnologia, a cada dois anos tem-se investido para aumentar a velocidade da rede de transmissão de dados e o número de microcomputadores ligados à ela. É recente a experiência de discussão do projeto CT-Infra 1 no Conselho Universitário, que prioriza investimentos na rede de transmissão de dados que trarão significativa melhora na velocidade e na segurança do acesso.

A expansão das atividades acadêmicas e administrativas da UFRGS, com qualidade, depende fortemente da consolidação e da continuidade deste projeto. A produção de conhecimento e o acesso à informação são ferramentas indispensáveis à plena realização do projeto acadêmico da Universidade.

A expansão das atividades acadêmicas e administrativas da UFRGS, com qualidade, depende fortemente da consolidação e da continuidade deste projeto. A produção de conhecimento e o acesso à informação são ferramentas indispensáveis à plena realização do projeto acadêmico da Universidade.

MOA



## O desafio da esperança

● WRANA MARIA PANIZZI  
Reitora da UFRGS

O presidente eleito, senhor Luís Inácio Lula da Silva, por sua trajetória e convicções, representa esperança de mudança para milhões de brasileiros. Este mesmo sentimento se faz presente na comunidade universitária. Porém, como todos sabemos, não enfrentaremos nem os graves problemas econômicos e sociais do Brasil nem os de nossa Universidade Pública se não soubermos transformar tal esperança em objetivos amplamente legitimados pela sociedade.

Na última década, a Universidade Pública, como aconteceu com outras instituições, foi prisioneira do conjuntural. O mundo do trabalho, no contexto da terceira revolução industrial e da chamada globalização, conheceu profundas transformações. A inserção relativamente tardia e subalterna do Brasil na "nova" ordem foi acompanhada de forte questionamento da presença do Estado na economia e em outros setores, inclusive na esfera do ensino superior. O sistema público de ensino superior brasileiro teve seus recursos diminuídos e foi convocado a se "modernizar", a reduzir seus custos, a adotar novos critérios de gestão, a buscar fontes alternativas de investimentos. Enquanto isso, a oferta de vagas no ensino superior privado conheceu um notável crescimento, acompanhado, não raras vezes, da diminuição da qualidade do ensino. Sob este quadro, a Universidade Pública, que nasceu fragmentada, que se consolidou como "sistema" somente a partir dos anos 1950, parece ter retornado a suas origens. Ao ceder aqui ou ali, a Universidade Pública perdeu corpo e unidade como projeto social – nas conversas de corredor, nas reuniões dos departamentos e conselhos, nos processos de avaliação, nas negociações entre universidades e governos, a reivindicação do "nosso" muitas vezes se viu fragilizado diante da afirmação do "meu".

Apesar disso, parece inquestionável, a Universidade Pública ainda é a depositária do que de melhor nós brasileiros produzimos no terreno das artes, da cultura e das ciências, sobretudo porque ela soube se constituir como lugar da diversidade cultural, do debate e do diálogo, da crítica comprometida com a ética. E é nossa convicção que o "novo" encontra-se precisamente aí – nesta afirmação, em conjuntura adversa, da Universidade Pública como *res publica*, como construção coletiva que atravessa governos e gerações.

Uma construção sólida como a Universidade Pública brasileira não se desfaz da noite para o dia. Uma esperança não se torna realidade pelo simples fato de sensibilizar as pessoas. A Universidade Pública tem problemas que reclamam solução urgente. Temos poucos recursos para manutenção, para a ampliação de nossas salas de aula, laboratórios, bibliotecas, para a atualização de nossos equipamentos e tecnologias. Não dispomos de recursos para a ampliação da oferta de vagas e para a criação de novos cursos. Precisamos valorizar, repor e ampliar nossos quadros de professores e de técnicos administrativos. Entretanto, aquele que considero o mais grave problema da Universidade Pública, sua reconstrução como projeto social, somente encontrará solução a médio ou a longo prazo.

## CARTAS

### Humor

Parabéns ao Jornal da Universidade por ter tido a lembrança de publicar, na edição de outubro, duas páginas com cartuns e textos saídos na imprensa gaúcha entre 1972 e 1976, em plena ditadura militar. Estava faltando isso, e me atrevo a dizer que o Jornal da Universidade, por seu propósito e por suas dimensões, é um espaço ideal para cartu-

nistas e humoristas. Não só os que aparecem, mas também os que não aparecem na imprensa gaúcha (Cadê o Fraga? Cadê o Batsow? Cadê o Schröder?). Uma página de humor também poderia ajudar a revelar talentos insuspeitados dentro da própria universidade.

Adroaldo Sperb  
Porto Alegre

### Arquitetura

Parabenizo o Jornal da Universidade pela reportagem da jornalista Carla Felten sobre os 50 anos da Faculdade de Arquitetura, na qual cita a idéia ousada de Tasso Correa para criar o curso de Arquitetura, em palavras citadas pelo então professor Demétrio Ribeiro.

Naya Correa dos Santos  
Porto Alegre



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, Porto Alegre/RS/Brasil  
CEP 90.046-900  
Fone: +55 51 3316-7000  
Fax: +55 51 3316-3176  
homepage internet: <http://www.ufrgs.br>  
e-mail reitoria: [reitoria@vortex.ufrgs.br](mailto:reitoria@vortex.ufrgs.br)

### ADMINISTRAÇÃO

**Reitora**  
Wrana Maria Panizzi  
**Vice-reitor**  
José Carlos Ferraz Hennemann  
**Pró-reitor de Ensino**  
José Carlos Ferraz Hennemann  
**Pró-reitor Adjunto de Graduação**  
Norberto Hoppen  
**Pró-reitor Adjunto de Pós-graduação**  
Jaime Evaldo Fensterseifer  
**Pró-reitor de Pesquisa**  
Carlos Alexandre Netto  
**Pró-reitor de Extensão**  
Fernando Setembrino Cruz Meirelles  
**Pró-reitora de Planejamento e Administração**  
Maria Alice Lahorgue  
**Pró-reitor de Infra-estrutura**  
Hélio Henkin  
**Pró-reitor de Recursos Humanos**  
Sérgio Nicolaiewski  
**Secretária de Desenvolvimento Tecnológico**  
Maria Alice Lahorgue  
**Secretário do Patrimônio Histórico**  
Christoph Bernasiuk  
**Secretaria de Assuntos Estudantis**  
Maria Beatriz Araújo Brito Galarraga  
**Procurador-geral**  
Armando Pitrez

### Jornal da Universidade

Publicação da Coordenadoria de Comunicação Social da UFRGS

**Conselho Editorial** - Christa Berger, Flávio Oliveira, Geraldo Huff, Ivo Stigger, Luis Augusto Fischer e Maria Helena Weber

### REDAÇÃO

Av. Paulo Gama, 110 - 8º andar  
Fone/fax: (051) 3316-3368/3316-3176  
e-mail: [jornal@vortex.ufrgs.br](mailto:jornal@vortex.ufrgs.br)  
homepage: <http://www.ufrgs.br/jornal>

**Editor-chefe** - Clóvis Ott

**Editora executiva** - Ida Stigger  
**Editores assistentes** - Ademar Vargas de Freitas e Juarez Fonseca

**Redação** - Arlete R. de Oliveira Kempf, Carla Felten e Jacira Silveira

**Projeto gráfico e editoração eletrônica**  
Anibal Bendati

**Homepage** - Marcelo da Silveira

**Fotografia** - Luiz Ricardo de Andrade e Reni Jardim

**Colaboraram nesta edição** - Eliana Raffaelli, Moacir Knorr Guterre e Wrana Maria Panizzi

**Circulação** - Luiz Ricardo de Andrade  
[cadinho@ufrgs.br](mailto:cadinho@ufrgs.br)

**Apoio** - Rosane Vieira e Rita Silveira

**Serv. gerais** - Antônio Carlos dos Santos

**Fotolitos e impressão** - Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas

# Doutorandos estudam processo de autodestruição das células

●CARLA FELTEN  
Jornalista

**A doutoranda Alessandra Peres avalia o sistema imunológico de um grupo de idosos de Gravataí, para o comparar com o sistema imunológico de um grupo de jovens de Porto Alegre, buscando traçar a caracterização imunofenotípica do primeiro grupo. Em outra linha de pesquisa, o estudante argentino Andrés Delgado Cañedo estuda a apoptose e sua relação com o câncer. Pesquisas nessa área foram agraciadas com o Prêmio Nobel este ano.**

**D**ariamente, milhões de nossas células morrem e são substituídas por novas. É graças a esse ciclo de vida e morte das células que um óvulo fertilizado pode dar origem a um novo ser. Mas esse processo também está associado ao desenvolvimento de doenças como câncer, aids, mal de Alzheimer, mal de Parkinson, derrame e males cardíacos. Há cerca de três meses, dois estudantes de doutorado na UFRGS concentram esforços na busca de novas informações sobre a apoptose, processo pelo qual as células promovem, de modo programado, sua própria destruição.

A doutoranda em Genética e Biologia Molecular Alessandra Peres está avaliando o sistema imunológico de um grupo de 50 pessoas com mais de 60 anos, residentes em Gravataí. Essas informações serão confrontadas com as resultantes da análise do sistema imunológico de um grupo de 25 jovens de Porto Alegre. Através desse confronto, se poderá traçar a caracterização imunofenotípica do primeiro grupo.

Interesse plenamente justificado: as infecções são a segunda causa de morte em pessoas da terceira idade no Brasil. Nessa fase da vida, dobram as chances de desenvolverem doenças como pneumonia e tuberculose. "Alguns artigos científicos já sugerem que células de idosos são mais suscetíveis à apoptose", diz Alessandra. E, sendo mais suscetível, a célula acaba por não responder ao patógeno que está no corpo, o que ocasiona a perda da homeostasia, equilíbrio natural do organismo. "A apoptose tem papel fundamental na homeostasia do sistema imune após uma resposta", diz a estudante.

O fato de ser uma pesquisa inédita no país somou pontos na hora da escolha do tema. Também foi importante o fato de o Rio Grande do Sul ter a maior expectativa de vida do Brasil (71 anos, segundo IBGE). Ao contrário de alguns grupos que já trabalham com idosos infectados, a estudante optou por pesquisar voluntários saudáveis. E encontrou algumas dificuldades pelo caminho. "No Brasil, ainda não existe uma caracterização que defina o que é saudável", lamenta. Para estabelecer uma linha de estudo, Alessandra optou por estudar proteínas presentes na superfície das células do sistema imune (marcadores de superfície), com um painel de anticorpos que considerou mais importante na resposta imunológica. Ao todo, foram 13 anticorpos selecionados num universo de 247.

A parte de coleta das informações já foi concluída. Agora, começa a fase mais demorada, a análise dos dados levantados e o confronto das informações nos dois grupos. "Com os avanços na medicina, está havendo um aumento do número de idosos na população mundial. Os profissionais da área de saúde estão preocupados em torná-los mais saudáveis, para que continuem sendo úteis à sociedade", observa Alessandra. Para esse trabalho da aluna conta com o auxílio do citômetro de fluxo, um aparelho de grande porte, adquirido em 1998 por 140 mil dólares, com financiamento do Programa de Grupos de Excelência (Pronex), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs) e do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Padct).

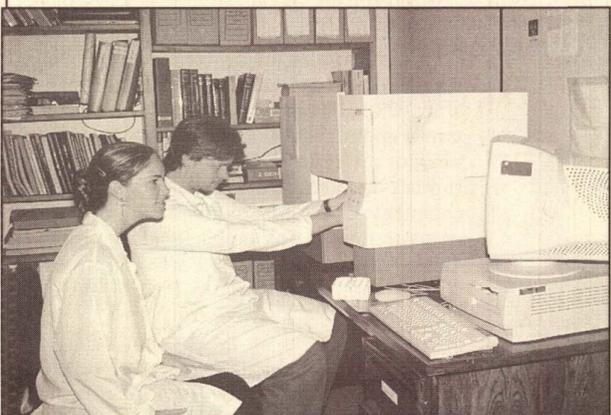
O citômetro possibilita a análise detalhada das células e a obtenção de informações como quantidade de DNA, moléculas presentes na superfície, tamanho da célula e constituição interna. Na fase inicial, a célula é marcada e incubada com uma substância que liga ao DNA que entra na apoptose. "Com isso, conseguimos separar as células em apoptose das que estão vivas. Posteriormente, o citômetro nos mostra em quais células a substância entrou."

## CAÑEDO

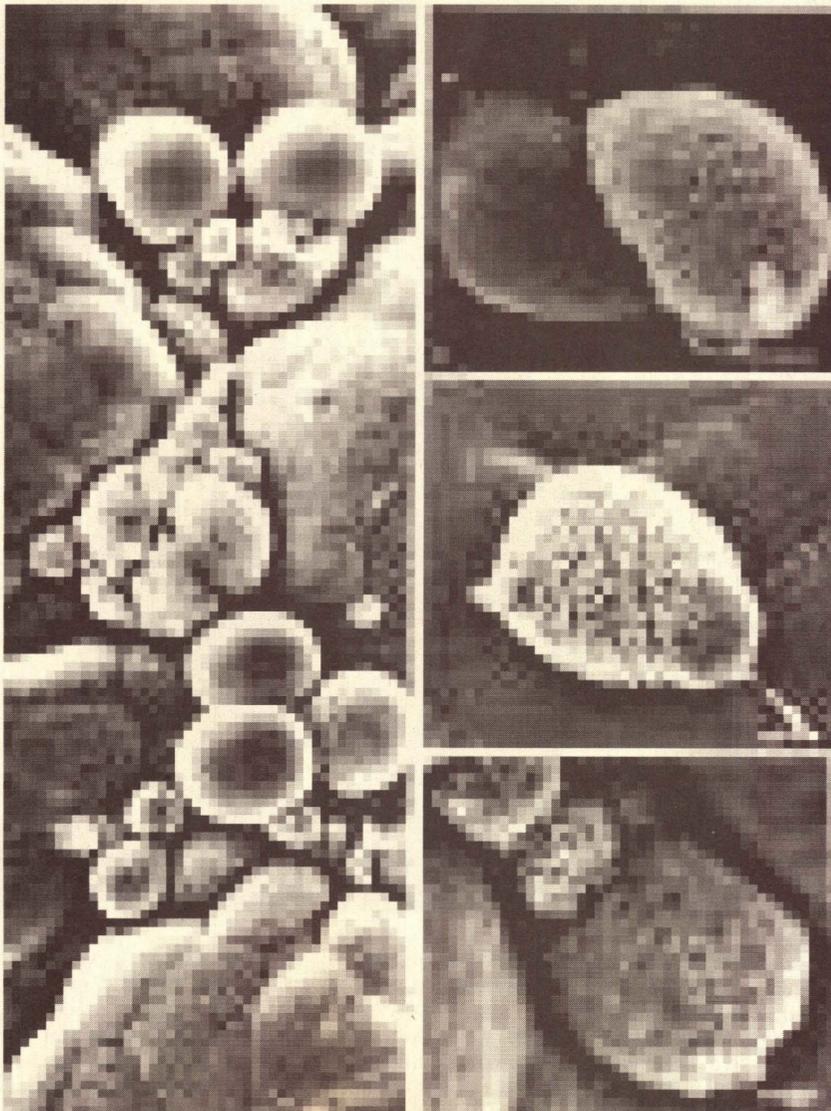
Outra linha de pesquisa, com a leucemia, está sendo conduzida pelo estudante argentino de pós-graduação em Genética e Biologia Molecular Andrés Delgado Cañedo, para quem a apoptose é ferramenta importante no estudo da biologia e não pode ser deixada de lado. Em indivíduos adultos, se a multiplicação das células não é compensada pelas perdas, os tecidos e órgãos crescem sem controle, levando ao câncer.

Imagine uma rede formada por células A, B, C, D que vão se reproduzindo ordenadamente e diferenciadamente. O surgimento do câncer se dá quando essa cadeia é quebrada e as células passam a se reproduzir indiferenciadamente, repetindo exaustivamente a célula C, por exemplo, e atrapalhando a homeostase. O trabalho de Andrés pretende determinar quais os genes são expressos em células tumorais e quais são expressos em células normais.

A corrida dos cientistas para desvendar os mecanismos que levam ao crescimento desordenado das células tem razão de ser. São mais de 100 diferentes tipos de câncer relatados. Atualmente, o câncer é a segunda causa de morte por doença no Brasil.

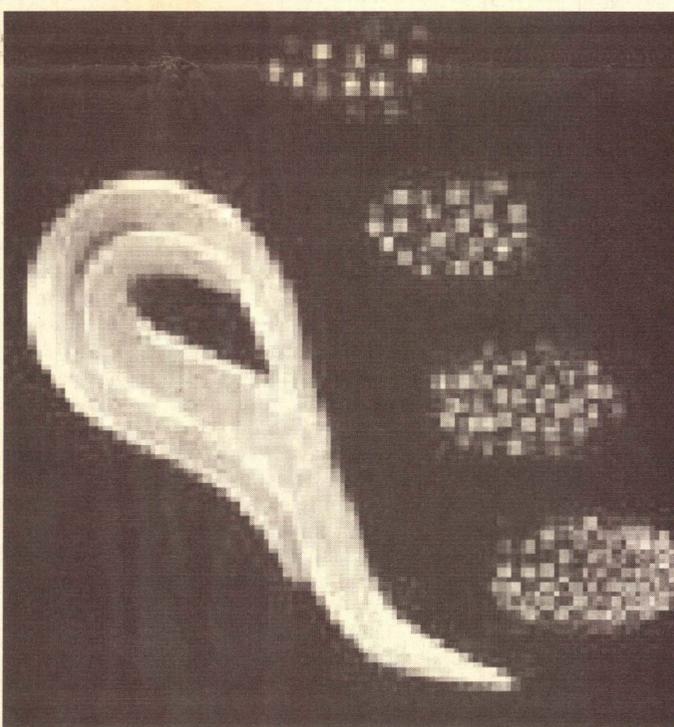


Citômetro de fluxo possibilita análise das células



**A apoptose (acima) é um processo que implica os mecanismos básicos da vida celular e em alguns casos está presente de forma bem visível.**

**A *Caenorhabditis elegans* (ao lado) foi o primeiro organismo a ter seu código genético decifrado**



## Células cometem suicídio e são engolidas por macrófagos

**O** que estudos recentes revelaram, porém, é que muitas células carregam instruções internas para cometer suicídio. Tais instruções são executadas quando certos comandos são acionados. E quando isso acontece as células encolhem, e a cromatina (DNA nas células) é compactada, formando massas concentradas nas bordas do núcleo, que se parte, levando à formação de vesículas apoptóticas. Essas são fagocitadas (engolidas) por macrófagos (tipo de glóbulo branco presente em todos os tecidos) antes que se desintegrem.

Segundo o professor da Gehlen, um grande passo foi dado em 1972, quando o australiano John Kerr descreveu os diferentes aspectos das células na morte programada e na patológica. Para distingui-los, batizou o primeiro de apoptose, em oposição à necrose. "Kerr deu uma enorme contribuição: as informações que tínhamos até então eram esparsas, desconexas", diz Gehlen.

Em grego arcaico, a palavra apoptose significa 'o ato de cair', como caem as pétalas das flores e as folhas das árvores no outono. Foi escolhida porque sugere perdas benéficas, necessárias ao bom funcionamento e à sobrevivência do organismo. "Esse é um assunto absolutamente fascinante para nós, biólogos, principalmente porque implica os mecanismos básicos da vida celular", avalia a professora-titular do Departamento de Genética, Nance Nardi, que orienta os trabalhos de Alessandra e Andrés.

Em alguns casos, a apoptose está presente de forma bem visível. Os seres pluricelulares, por exemplo, só atingem sua forma final porque eliminam de modo seletivo certo número de células. A rã inicia sua vida como girino, forma adaptada ao ambiente aquático. Depois, ganha outras estruturas para viver e ao mesmo tempo perde nadadeiras, guelras e a cauda.

Nos insetos, a mudança de larva para animal adulto (de lagarta para borboleta, por exemplo) exige a morte de milhões de células. Nos seres humanos, o epitélio tem alto grau de apoptose. A camada superficial da pele é constituída de células mortas, preenchidas por queratina - constituinte que dá aspecto áspero e impermeável à água.

As células migram do interior do organismo para a superfície e, à medida que migram, vão morrendo e sendo preenchidas por queratina, formando uma camada protetora. "No tecido epitelial, ela é um fator importantíssimo, por isso estamos sempre escamando", avalia Nance. Há apoptose também quando as células da parede uterina morrem e descamam, durante a menstruação.

Outros exemplos são menos visíveis. Durante a fase embrionária de todos os vertebrados, certos neurônios devem enviar projeções longas e finas (axônios) até um músculo, que irão controlar. Se um neurônio não faz essa formação ou a faz de modo inadequado, está fadado a morrer. O feto possui membranas entre os dedos, que com o tempo desaparecem. Se isso não ocorresse, os dedos das mãos dos humanos seriam envolvidos por uma membrana, como nos patos.

## Apoptose ocorre sem lesão da célula

**U**ma característica marcante é que a apoptose ocorre sem o derrame do conteúdo da célula, sem inflamação ou lesão do tecido, garantindo seu funcionamento normal. Já a necrose é a morte acidental e desorganizada da célula, impedida de manter seus processos vitais por lesões físicas ou químicas, causadas por fatores externos, como temperaturas extremas, radiação, traumas, produtos tóxicos ou falta de oxigênio (como no infarto do miocárdio e na gangrena).

As lesões podem ter ainda origem biológica, como nas infecções por bactérias ou vírus. Conhecido como morte suja, esse processo libera substâncias tóxicas nos tecidos. "A grande pergunta para os cientistas é o que leva a célula a optar pela necrose ou pela morte programada. A necrose é uma morte caótica, da qual não se tem controle. O que se vem buscando nas terapias é desviar a célula da morte explosiva e trazê-la para a apoptose. Essa conquista trará muitas vantagens", diz o professor da Favele e doutorando em neurociências da UFRGS Günther Gehlen, que está desenvolvendo um trabalho com esquizofrenia e apoptose.

Segundo Gehlen, por razões diversas, falharam todas as drogas testadas em humanos na pesquisa básica para bloquear a morte celular. Em alguns casos, os pacientes apresentaram fortes efeitos colaterais danosos à saúde, ou os medicamentos não apresentaram efeitos significativos. Ele diz que há uma grande corrida na tentativa de evitar ou desviar a morte celular para uma forma mais branda, que não cause tanta lesão. Mas ainda faltam dados para se fazer essa pesquisa, embora haja um interesse mundial muito grande.

A professora-adjunta do Departamento de Ciências Morfológicas Matilde Achaval afirma que anteriormente se pensava que a apoptose era um mecanismo simples de ser desvendado. "Mas, quanto mais se avança em estudos, mais complexa ela se revela", afirma.

Günther afirma que a descoberta representa uma porta que se abre, mas ainda há um longo caminho a percorrer. "Um leigo poderá pensar que rapidamente se obterá medicamentos. Mas não é assim que acontece. Enquanto avançamos dez passos, outros três são recuados, porque, junto com as descobertas, surgem também questionamentos e dúvidas. Com essa descoberta, abriu-se um novo universo, cheio de indagações."

## Pesquisa sobre o tema ganhou Prêmio Nobel

**U**m grande passo para o esclarecimento dessa questão foi dado por três pesquisadores, que agora têm o reconhecimento mundial ao receberem o Prêmio Nobel, os britânicos Sydney Brenner e John Sulston e o norte-americano Robert Horvitz. Com isso, o Instituto Karolinska, da Suécia, encarregado de selecionar os premiados na área de Fisiologia ou Medicina, voltou a condecorar cientistas dedicados ao estudo do comportamento celular, o que já ocorreu sete vezes nos últimos dez anos.

Brenner, da Universidade de Berkeley; Horvitz, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT); e Sulston, do Sanger Centre de Cambridge (Reino Unido), acompanharam minuciosamente a divisão e a especialização celular, desde o embrião até a fase adulta, usando como modelo o *Caenorhabditis elegans*, um nematóide, primeiro animal a ter o genoma totalmente decifrado.

Os três cientistas, que dividirão o prêmio de US\$ 1 milhão, conseguiram identificar nesse pequeno verme os genes mais importantes que regulam o desenvolvimento dos órgãos e o suicídio das células, além de demonstrar que há genes similares em organismos mais desenvolvidos, como o do homem.

Sydney Brenner foi o primeiro a ver qualidades num ser vivo cuja classificação, a dos vermes, costuma provocar repulsa. Por ter curto tempo de vida, medir apenas um milímetro e ser completamente transparente, o verme *Caenorhabditis elegans* foi o modelo ideal para que o cientista pudesse acompanhar cada divisão celular ao vivo pelo microscópio.

Na década de 60, Brenner revelou aos cientistas a utilidade de um animal hoje fundamental para o estudo do envelhecimento. Em 1988, o *C. elegans* teve garantido seu lugar na história da ciência ao se tornar o primeiro organismo multicelular a ter seu código genético decifrado.

## POLÍTICA

# Surpresa na Praça da Matriz

**Considerado um dos principais pólos da esquerda nacional e um dos maiores focos de resistência ao neoliberalismo, o Rio Grande do Sul, à primeira vista, seguiu na contramão da opção de quase 57% dos cidadãos que elegeram Lula presidente. Veja a opinião de especialistas e saiba por que Germano Rigotto será o novo ocupante do Piratini**

Enquanto o líder maior e fundador do Partido dos Trabalhadores (PT) conquistava a presidência, o mesmo PT perdia o governo do Rio Grande do Sul para o PMDB, partido que enfrentou baixas consideráveis nas suas fileiras em 2001, com a saída do ex-governador Antônio Britto, cinco deputados estaduais e mais uma série de lideranças que migraram para o PPS. Um PMDB enfraquecido, após uma série de desentendimentos internos, lançou como candidato ao governo o deputado federal Germano Rigotto, que nem compareceu ao lançamento oficial de sua candidatura, mas que acabou conquistando em 27 de outubro o cargo de governador do Estado, com 3,14 milhões de votos.

## ERROS E ACERTOS

Para um observador de fora, o resultado do pleito gaúcho pode parecer incoerente. Contudo, uma análise mais atenta – que vem sendo realizada com afincos pelos partidos perdedores e vencedores, bem como pelos cientistas políticos – mostra que uma sucessão de erros e acertos, desgastes e interesses levaram ao resultado final, que segue apresentando um Estado dividido, já que a vitória de Rigotto sobre o candidato da Frente Popular (PT, PCB, PC do B e PMN), Tarso Genro, foi por 319,6 mil votos, totalizando uma diferença de cerca de cinco pontos percentuais.

A professora Mercedes Maria Loguercio Cánepa, do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), considera que um dos equívocos determinantes da campanha foi a percepção da Frente Popular de que Antônio Britto, candidato pelo PPS, era o principal adversário. Segundo ela, foi um erro de foco, pois quando começou a propaganda eleitoral e lideranças do PMDB divulgaram que o candidato do partido era Rigotto, extinguindo qualquer possibilidade de apoio a Britto, a análise sobre o adversário deveria ter sido alterada.

Quem compartilha dessa opinião é Eduardo Corsetti, também professor do Departamento de Ciência Política da UFRGS. Para ele, o resultado da eleição não surpreendeu, pois as condições se definiram a partir do momento em que os partidos elegeram seus oponentes. “O PT errou ao escolher Britto como adversário e errou ao optar pela estratégia de enfrentamento.” O professor afirma que, embora a administração estadual tenha sofrido uma série de percalços, a postura de enfrentamento em lugar da conciliação redundou mais em perdas para o partido, porque o conjunto de eleitores era maior do que aquelas preferências originais, ou seja, a parcela que reúne cerca de um terço do eleitorado gaúcho que tradicionalmente vota no PT. “Essa estratégia limitadora levou o partido a se isolar e a diminuir a capacidade de conquistar apoios, justamente quando precisava de mais adesões.”

Já Marcelo Baquero, professor do curso de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS, afirma que o resultado da eleição não está ligado diretamente a um erro de estratégia da Frente Popular, por ter escolhido Britto como o adversário a ser combatido. “Rigotto ganhou por causa do desgaste do PT.” E, na avaliação do cientista político, não foram poucos os elementos decisivos a provocar este movimento.

A desistência da Ford de se instalar em Guaíba, a ruptura com o PDT em 2000, a saída de Tarso da prefeitura de Porto Alegre antes de completar o mandato e o papel dos meios de comunicação, ao lançar uma campanha de desgaste do governo, incidiram na percepção de parte do eleitorado. “O resultado está muito ligado ao desempenho dos últimos dois anos, período no qual são divulgados padrões que vão se materializar no pleito”, diz Baquero. “Ao longo deste espaço de tempo, se vendeu a imagem de um Estado caótico, baseado na política do salve-se quem puder, quando a realidade era



**Governos Estaduais  
Número por partido**

PSDB	7
PMDB	5
PFL	4
PSB	4
PT	3
PPS	2
PDT	1
PSL	1

bem diferente da magnitude divulgada. Foi construído um medo psicológico no ideário da população.”

A professora Mercedes concorda quanto à influência do antipetismo, cultivado ao longo de quatro anos pela oposição e pela mídia. A isso se soma a ideia de que Olívio teria chegado precocemente ao poder, o que lhe deixou muito cerceado. “De uma Assembleia com 55 deputados, 44 eram contrários ao governo, exercendo uma oposição sistemática desde o primeiro dia após as eleições.” No âmbito federal, Olívio era oposição ao modelo econômico levado adiante pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. “Por se sentir cerceado, o PT se isolou e não aumentou apoios, o que poderia ter mudado o resultado da eleição.”

Analisando sob outro ângulo, Baquero destaca que o PT não conseguiu transmitir uma imagem de partido compacto, unido. Na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Assembleia Legislativa, que investigou a possibilidade de ligação do governo com o jogo do bicho, Baquero considera que o partido não se posicionou de maneira convincente. Além disso, as prévias que indicaram Tarso para concorrer ao cargo, em detrimento do candidato natural, o governador Olívio Dutra, foram outro elemento de desagregação.

Ao lado disso, o fato de Tarso Genro ter deixado a prefeitura de Porto Alegre, após afirmar categoricamente na campanha para o município em 2000 que cumpriria todo o mandato de prefeito, pode ter contribuído para o resultado equilibrado registrado em Porto Alegre, cidade administrada há 14 anos pelo PT. Nesta eleição, Rigotto perdeu para Tarso na capital gaúcha por apenas 3.327 votos, enquanto em 1998 o PT abriu vanta-

gem de 119,4 mil votos e, em 1994, de 223,7 mil votos sobre Antônio Britto.

E não foi apenas em Porto Alegre que o desempenho da Frente Popular ficou aquém do esperado. Das 35 prefeituras administradas pelo PT no Estado, Tarso perdeu em 22 destes locais, incluindo municípios da Região Metropolitana, como Gravataí, Cachoeirinha e Alvorada. Mercedes Cánepa afirma que a condução da campanha eleitoral, priorizando a matriz de produção gaúcha e a agricultura familiar, pode ter influenciado no desempenho do candidato nas zonas urbanas.

## NA MOSCA

A assessoria de Rigotto soube aproveitar bem estas lacunas, bem como o enfrentamento que ultrapassava as fronteiras da civilidade entre Tarso e Britto. Assim, surgia um candidato para assumir o papel de terceira força na disputa, com o discurso da paz, da união, e capaz de convencer o eleitorado de que ele era a alternativa.

Eduardo Corsetti ressalta que boa parcela dos eleitores vinculados ao campo retomaram, em 2002, suas origens, sua tradição, ao escolher o PMDB. Em 1998, muitas destas regiões fizeram uma aposta no PT, diante do abandono e da falta de apoio enfrentados por estes setores no governo de Antônio Britto, então no PMDB. “Agora que estas questões estão mais amenas, voltaram à sua identidade, elegendo Germano Rigotto, que prometeu unir segmentos e regiões abandonadas por Britto”.

Outra estratégia acertada da equipe do PMDB foi se desvincular do candidato do governo à presidência, José Serra (PSDB), que desde o primeiro turno estava apoiando

do Rigotto. “A decisão foi tomada a partir da percepção de que havia um descolamento no voto, ou seja, muitos eleitores de Rigotto votariam em Lula, pois os dois representavam a

mudança”, diz Mercedes. “Conseguiram passar a ideia de que tinham algo novo a oferecer, fora da bipolarização.”

O professor Corsetti afirma que as dimensões nacional e local assumiram significados diferentes para o eleitor. “Rigotto e Lula estavam baseados na mudança, embora no plano nacional tal mudança fosse bem mais profunda, enquanto Tarso representava o comprometimento com a continuidade.”

Se por este lado parece que haveria coerência no voto em Lula e Rigotto, por outro esta escolha é considerada inconsistente. “As pessoas não notaram que estavam votando em modelos diferentes. Ao mesmo tempo em que rejeitaram o modelo implementado oito anos por Fernando Henrique Cardoso, optaram em nível estadual por este modelo”, diz Baquero.

Conquistado o governo, fica uma questão delicada a ser equacionada pelos novos ocupantes do Palácio Piratini: a harmonização das diferentes forças que apoiaram Rigotto no primeiro e no segundo turno das eleições. “Os apoios são complicados de serem construídos. Geralmente exitosos nos primeiros anos de governo, se fragmentam com novos processos eleitorais”, afirma Corsetti. “O segredo está em agregar novos sem deixar descontentes os antigos.”

A dificuldade para promover a coexistência pacífica entre os diversos partidos que asseguraram a vitória de Antônio Britto, em 1994, acabou culminando com a saída dele e de mais um grupo de lideranças do PMDB rumo ao PPS. O PDT, que atuou como fiel da balança em 1998, influenciando na vitória de Olívio Dutra na disputa pelo governo do Estado (a Frente Popular venceu o PMDB de Antônio Britto por apenas 1,52 ponto percentual no segundo turno), também não suportou as pressões, acabou rachando, rompeu a aliança e perdeu vários de seus quadros, que assinaram ficha no PT.

Essa acomodação de forças refletiu na eleição deste ano. O racha do PDT se manteve, tanto que algumas lideranças manifestaram apoio a Tarso Genro e outras se alinharam a Germano Rigotto. “Porém, pela ruptura da aliança com o PT e com o esfacelamento do partido, tudo indica que a maior parte dos apoios tenha ficado com Rigotto”, afirma Mercedes. Porém, a professora lembra que quando o PMDB elegeu Britto, em 1994, foi contra Alceu Collares, do PDT. “Vai ser preciso um trabalho de aproximação. Além disso, há clivagens fortes entre o grupo de Britto, agora no PPS, e o PMDB, que não são fáceis de ser solucionadas.” (ER)

## Histórico das últimas eleições no Estado

2002		
Candidato	Número de votos	% dos votos totais
<b>Germano Rigotto (PMDB)</b>	3.148.788	50,15
<b>Tarso Genro (PT)</b>	2.829.527	45,07
Diferença	319.261	5,08 pontos percentuais
1998		
Candidato	Número de votos	% dos votos totais
<b>Olívio Dutra (PT)</b>	2.844.767	49,49
<b>Antônio Britto (PMDB)</b>	2.757.401	47,97
Diferença	87.366	1,52 ponto percentual
1994		
Candidato	Número de votos	% dos votos totais
<b>Antônio Britto (PMDB)</b>	2.679.701	49,58
<b>Olívio Dutra (PT)</b>	2.453.174	45,38
Diferença	226.527	4,2 pontos percentuais

# Um operário na Presidência

• ELIANA RAFFAELLI  
Jornalista

**Misture quantidades iguais de insatisfação, desencanto, modelo econômico fracassado, desejo de novos rumos, esperança e credibilidade. Junte à mistura boas doses de disposição para uma trégua e superação de preconceitos. Adicione pitadas de marketing. Pronto. Foi assim que Lula chegou ao Palácio do Planalto.**

A dimensão econômica, que impulsionou por duas vezes a eleição do sociólogo Fernando Henrique Cardoso para a presidência, embalada pelo controle da inflação via Plano Real, exerceu também neste ano papel preponderante na escolha do operário Luiz Inácio Lula da Silva para presidente do Brasil. “A eleição de Lula é a síntese de uma decepção crescente com a situação econômica. A expectativa é de que signifique uma transformação estrutural plena, não apenas ideológica, mas que estabeleça um novo modelo de relacionamento com a sociedade”, afirma Marcelo Baquero, professor da Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). “Houve a superação de um conjunto de preconceitos sociais coincidindo com o desgaste de FHC.”

A influência decisiva da dimensão econômica na opção dos eleitores por Luiz Inácio está, conforme o professor, ligada a dois aspectos principais. O primeiro é que nos anos 90, considerados a década perdida na América Latina, enquanto os demais países da região cresciam acima de 2,5% ao ano, o Brasil atingiu uma média de crescimento inferior a este patamar, precarizando ainda mais a economia.

O segundo aspecto está relacionado à chamada Teoria da Convergência, que considera que os avanços visíveis do ponto de vista tecnológico devem incidir nas classes menos favorecidas. “A habilidade de um governante está justamente em saber reproduzir esses avanços na dimensão social.”

## DESEJO DE MUDANÇA

Entretanto, o que se viu nos últimos anos no Brasil foi, de um lado, a evolução tecnológica ganhando espaço, ao passo que, por outro lado, cresceram os índices de desemprego, caiu a renda do trabalhador, diminuiu o mercado de trabalho para jovens, aumentou a dívida pública e houve o retorno de doenças endêmicas, muitas das quais pensava-se estarem erradicadas, a exemplo da cólera e da malária. “Esses elementos, chamados de invisíveis, contribuíram para instalar na população o desejo de mudança. Não uma mudança conjuntural, mas estrutural.”

A perspectiva de que um novo modelo poderia ter mais sucesso na condução da política econômica norteou também o apoio de empresários de vários setores ao candidato petista. Em uma economia globalizada, boa parte da sobrevivência econômica depende de criar competitividade. “Neste cenário, muitos empresários notaram que o modelo neoliberal não era mais o adequado, apesar de o governo FHC contar com a credibilidade do mercado internacional. Parte destes empreendedores começou a ver o modelo de Lula como uma alternativa viável de crescimento econômico, ao privilegiar o mercado interno”, afirma.

Assim, passou-se a desmistificar a figura de Luiz Inácio, não mais visto como o líder de uma ruptura radical com o mercado internacional, como o patrocinador do caos. Neste sentido, Baquero considera que a escolha do vice, José Alencar (PL), foi determinante, dando respaldo para a mudança dos pontos de vista dos empresários. “Além disso, o desempenho dos governos petistas nos Estados, demonstrando que não houve tentativa alguma de acabar com a classe empresarial, ajudou a alterar aquela percepção.”

Conforme Eduardo Corsetti, professor do Departamento de Ciência Política da UFRGS, uma explicação para a vitória de Lula está em ter agregado novos segmentos eleitorais que não conseguia conquistar antes. Tal feito foi possível ao mostrar que seu projeto era mais de uma esquerda em direção ao centro do que de esquerda propriamente dito. “Enquanto

Lula passou a idéia de mudança, sem ruptura, sem conflito, José Serra enfrentava a ambigüidade de ser governo e, ao mesmo tempo, propor mudanças.”

Com o modelo neoliberal fazendo água em toda América Latina e com os prognósticos da oposição a FHC se concretizando, ou seja, explosão da dívida interna e externa, aumento do desemprego, crescimento da parcela de miseráveis e elevação da dependência externa, a opção por Lula passou a ser natural. Mas por que a escolha recaiu sobre Lula e não em Anthony Garotinho ou em Ciro Gomes, que também eram oposição? A professora Mercedes Maria Loguerio Cánepa, do Departamento de Ciência Política da UFRGS, lista duas causas fundamentais. A primeira, porque Lula estava respaldado por um partido forte – a partir do próximo ano, com a maior bancada da Câmara Federal – e por uma frente que crescia a cada eleição, situação bem diferente dos candidatos do PSB e do PPS, que ainda são partidos pequenos.

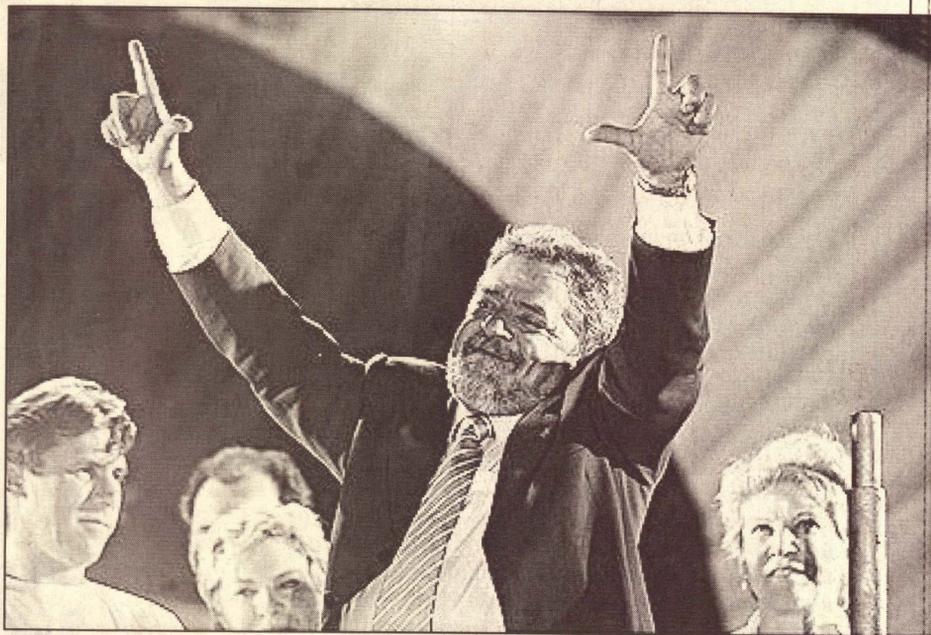
Em segundo lugar, Mercedes destaca que Lula vinha tentando a presidência desde 1989, sempre mantendo prestígio e paciência, despertando na população o seguinte questionamento: “Por que, então, não apoiar este candidato, que tem partido, é prestigiado, e que há anos já alertava para o que agora está ocorrendo na economia?”

## O PAPEL DO MARKETING

Ao lado do contexto econômico e social favorável a uma mudança e dos apoios que proliferaram nos variados segmentos, indo desde o setor primário, industrial e de comércio até a classe artística, passando por lideranças políticas dos mais diversos matizes que jamais se imaginaram no mesmo palanque, como Antônio Carlos Magalhães, Orestes Quércia, Itamar Franco, Anthony Garotinho, Ciro Gomes e José Sarney, um terceiro elemento que deu um tempero especial a esta mistura foi o marketing.

Embora encarados com restrições inicialmente, por terem derrubado vários candidatos, como Antônio Britto e Paulo Maluf, em 1998, e por terem construído do nada personagens como Fernando Collor de Mello, os chamados marqueteiros ganharam destaque na eleição, e Duda Mendonça, que assessorou Lula ao longo da campanha, saiu consagrado. “O marketing foi complementar para desmistificar a figura de Lula, mas não se pode dizer que foi decisivo. Se o candidato não tem as qualidades necessárias, o marketing não ajuda muito”, afirma o professor Marcelo Baquero. “Não podemos subestimar a capacidade do povo de ver o que está por trás da atuação dos publicitários.”

Para Eduardo Corsetti, o marketing, vinculado à idéia de engajar o candidato na proposta política, teve peso significativo na eleição de Lula. “O candidato apareceu palatável às elites. Não se mostrou como uma ameaça, mas tranqüilo e preciso nas suas informações. Passou a idéia de que pode ser operário e convi-



ver com as elites econômicas sem promover situações de constrangimento.”

## MÁQUINA DE COSTURA

Passada a fase de conquista do eleitor, começam agora as costuras voltadas ao equilíbrio das forças que apoiaram a eleição do candidato do PT. Conquistada a presidência, tem-se clareza que as alianças, muitas delas criticadas inicialmente por estarem descaracterizando o projeto petista, foram fundamentais para levar Lula ao poder. “Agora, a tendência é o Brasil passar por um período de reacomodação, enfrentando ainda alguns resíduos de conflitos. Contudo, a perpetuação ou não dos apoios dependerá da postura do novo presidente”, diz Corsetti.

Marcelo Baquero tem opinião semelhante. “A manutenção das alianças depende da capacidade de diálogo”. Segundo o professor, elas não descaracterizam o programa que se está perseguindo e são necessárias para assumir o poder. “O grande problema é a percepção da sociedade a respeito destas uniões.”

Mesmo com a rede de apoios constituída neste ano, a expectativa não é de uma oposição enfraquecida. Pelo contrário. Quando alguma política pública não tiver o efeito desejado, a oposição sairá a campo. Conforme Baquero, isso ocorre no Brasil porque os problemas materiais, como dificuldades financeiras, educação e saúde, entre outros, estão longe de serem resolvidos. Assim, a política acaba privilegiando o conflito ideológico.

A professora Mercedes lembra que o novo governo não terá maioria no Congresso e que muitos dos apoios manifestados no primeiro e no segundo turnos da eleição foram de lideranças individuais e não de partidos, o que determinará uma expansão ainda maior das alianças. “Como o País está atravessando um momento difícil, de recessão e possível aumento da inflação, a integração entre os partidos será favorecida, atendendo à necessidade de uma união social. Tem certos momentos em que é preciso escolher se vão afundar juntos ou criar juízo.”

O fato de o PT ter conquistado poucos governos estaduais – apenas três: Mato Grosso do Sul, Piauí e Acre –, não é considerado problemático pelos analistas. “Se a maioria dos governadores fosse do PT, o nível de exigência poderia ser bem maior. A tendência é de que seja mais fácil nego-

ciar com administradores de outros partidos”, afirma Corsetti.

Marcelo Baquero lembra que nem sempre a não-vitória para cargos executivos significa que o partido não tenha influência em políticas públicas. Mesmo não tendo alcançado estes cargos, o PT, além de ter poder decisivo no Congresso – é a maior bancada da Câmara Federal –, teve um grande crescimento nacional em 2002, tanto que foi para o segundo turno em oito dos 14 estados que tiveram a eleição decidida em duas etapas. Nos estados em que o PT foi para o segundo turno, pelo menos cerca de metade da população apóia o novo presidente, não devendo ocorrer uma oposição ferrenha à Lula nestes locais.

“A pergunta que fica é de que maneira a não-eleição do Executivo dos Estados pode comprometer a governabilidade?”, questiona o cientista, para logo em seguida responder. “Depende da capacidade de negociar de quem está no poder, e Lula tem mostrado habilidade para isso. Será também difícil os partidos de oposição se colocarem contra as políticas para o povo que deverão ser encaminhadas pelo novo governo, dentro da prioridade estabelecida à área social.”

Ao assumir o comando do País, cercado pelo apoio e pelas expectativas positivas de pelo menos dois terços dos brasileiros que o escolheram para ao cargo, Lula leva a vantagem de poder contar com uma compreensão maior enquanto busca equilibrar as demandas com os recursos limitados. “A sociedade civil não é tão imediatista quanto se pensa. Quando se atribui credibilidade a quem está no poder, se admite até sacrifícios iniciais para a solução dos problemas”, afirma Baquero, exemplificando com os primeiros mandatos de Carlos Menem, na Argentina, e de Alberto Fujimori, no Peru. Segundo ele, a população daqueles países compreendeu que algumas medidas impopulares tomadas inicialmente eram necessárias para encaminhar a solução das dificuldades.

## ESPERA ATENTA

O professor acrescenta que a tendência é de que haja um maior grau de tolerância em relação ao presidente eleito, até mesmo pela maneira com que as coisas devem ser colocadas, com transparência, prestando contas à sociedade.

“O que se desenha é uma situação de conciliação, favorável ao novo presidente, proveniente de outro segmento da sociedade. As elites fizeram uma *mea culpa* que pode ser positiva para seus interesses”, diz Eduardo Corsetti.

Apesar deste clima de otimismo, é sabido que a cobrança sobre o novo governo não será pequena. “Por isso, será preciso uma sinalização logo de início. O governo terá de negociar com todas as partes e dizer algo para os cidadãos, para que mantenham a expectativa”, afirma a professora Mercedes. “O mais importante é indicar os rumos que serão tomados. Se houver um crescimento galopante das demandas sociais, não haverá como processá-las imediatamente, sendo preciso, então, alguma sinalização para que as pessoas tenham paciência para esperar.”

## Perfil do novo presidente

Nome: **Luiz Inácio Lula da Silva**  
Data de nascimento: **27 de outubro de 1945**  
Local: **Guaranhuns (PE)**  
Estado civil: **casado, com Marisa Leticia da Silva, desde 1973. Foi casado com Maria de Lourdes da Silva, que morreu em 1970**  
Filhos: **Marcos Cláudio (31 anos), Lurian (29), Fábio Luiz (28), Sandro Luiz (23) e Luiz Cláudio (17)**  
Formação: **torneiro mecânico (curso técnico) pelo Senai. Concluiu a quinta série do primeiro grau**  
Política: **disputou em 1982 o governo de São Paulo, ficando em quarto lugar. Em 1986, foi eleito deputado federal com 651.673 votos, o mais votado do País. Em 1989, candidatou-se a presidente da República, perdendo para Fernando Collor de Mello no segundo turno. Em 1994 e 1998 candidatou-se novamente à Presidência, perdendo as duas vezes no primeiro turno para Fernando Henrique Cardoso**



# As IES devem permanecer no MEC

●GUSTAVO BALDUINO  
Secretário-executivo da Andifes

De tempos em tempos reaparece a idéia de separar do MEC as universidades ou, melhor, as instituições de ensino superior, com duas variantes, uma vinculando-as ao MCT e outra criando um ministério de ensino superior.

Neste momento de passagem de governo, novamente o tema é provocado por defensores e por notas em colunas de jornais.

Essa idéia se coloca a serviço de dois tipos de objetivos, dependendo do propósito e do interlocutor. O primeiro é dar uma atenção especial às universidades e o outro é dar prioridade absoluta ao ensino básico, ambos bem intencionados.

Apresentada desta forma, essa medida antes de sinalizar uma atenção especial às universidades ou priorizar o ensino básico, cria e trata administrativamente uma contradição entre ensino superior e básico que somente existe quando o enfoque dado à educação é economicista e segmentado.

Pelos objetivos desejados, as dificuldades apresentadas e as consequências possíveis, este tipo de proposição não pode ser descartado por princípio, mas deve necessariamente ser aprofundado perante a sociedade. Suscitar o debate sobre qual a melhor forma de organização administrativa para a erradicação do analfabetismo, colocar todas as crianças na escola, desenvolver a produção de conhecimento e a formação de profissionais já é um grande mérito dessa proposta. Se é o único, apenas o tempo dirá.

Uma prova de que a simples mudança do organograma do governo federal não é suficiente para solucionar problemas estruturais da sociedade brasileira reside no fato de que, nos últimos oito anos, nem o MEC nem o MCT, nem as universidades federais tiveram qualquer influência na gestão do elemento principal do processo educacio-

nal: o profissional da educação. Nem por isso o quadro mudou.

A alocação de vagas docentes e de técnicos, autorização para concursos públicos, a remuneração e a expansão do sistema foram subordinados à orientação dos ministérios e da política econômica. Sendo assim, provavelmente, a grande mudança seria vincular a educação básica e as instituições de ensino superior ao Ministério da Fazenda. Ou de outra maneira seria mais correto para solucionar o problema vincular o governo à educação.

Como aspecto metodológico e de cidadania, a proposta de separação das IES do MEC neste momento é pouco didática para a sociedade. Esta, que é uma mudança relevante na gestão e na política educacional brasileira, em nenhum momento foi apresentada aos eleitores como programa de governo do então candidato, agora eleito.

As objeções a esta proposta são primeiramente de natureza conceitual e metodológica, mas também de natureza operacional e legal, por exemplo:

1. Dos recursos hoje aplicados em educação pelo MEC e especialmente nas instituições federais de ensino superior uma grande parte refere-se aos vinculados pelo Art. 212 da Constituição Federal.

As normas orçamentárias e de execução financeira existentes obrigam que o MEC seja o órgão a repassar os recursos da união utilizados nas IFES. As mudanças dessas normas implicariam em novas leis e até em alteração na própria Constituição.

Nesta hipótese, o conflito de interesses sobre quantitativos de recursos a serem alocados em cada ministério seria outro fator a exigir um aprofundamento desse debate.

2. Esta discussão colocada de maneira superficial ou voluntarista perde a dimensão do universo envolvido. Hoje o total de instituições de ensino superior no Brasil é de 1799 segundo o CNE (Conselho Nacional de Educação).

A movimentação burocrática para outro ministério desse conjunto de IES seria mais complexa do que a simples reforma administrativa a ser publicada no Diário Oficial da União.

3. Do total de IES, uma pequena parcela produz pesquisa, ciência e tecnologia. Este fato, sem julgar a importância e o método da expansão ocorrido nos últimos anos, ou mesmo o mérito dessas novas IES, deixaria milhares de instituições, fundamentais para graduação, inapropriadamente vinculadas ao MCT. De outra parte, o MCT teria uma responsabilidade desfocada de suas finalidades.

4. A vinculação das universidades paulistas à Secretaria de Ciência e Tecnologia daquele Estado não serve como exemplo, uma vez que são apenas três instituições (USP, Unicamp e Unesp) e cujas normas de autonomia asseguram a elas um grau de independência que torna indiferente a vinculação a uma ou outra Secretaria de Estado.

Não se tem notícia de qualquer ingerência ou mesmo influência financeira, didático-pedagógica, administrativa ou política das Secretarias de Estado sobre qualquer uma dessas instituições de ensino superior, seus dirigentes e conselhos.

5. A opinião corrente da ampla maioria das pessoas envolvidas com o tema no País é que o processo educacional é contínuo no tempo e deve ser sistêmico e em colaboração entre os diversos níveis de ensino e os três entes federativos: Município, Estado e União.

Não existe possibilidade de se avançar na educação básica e mesmo erradicar o analfabetismo sem uma plena interação entre as IES e os demais níveis, seja formando professores ou desenvolvendo métodos e tecnologias que atendam as demandas. As melhores experiências nesse campo confirmam essa opinião.

A par de uma atuação sistêmica, as competências e responsabilidades de cada ente federativo são bem definidas nos artigos 211 e 212 da Constituição Federal.

Na verdade nada impede mudanças de conceitos ou reforma das bases legais e operacionais, desde que os resultados almejados tenham razoável probabilidade de ocorrência diante das dificuldades inerentes às alterações.

Como consideração complementar supomos que esta proposta se torna ainda mais temerária por ser uma mudança de relevo em início de governo. Assim há grande risco de, em sua fase de implantação, desorganizar administrativamente o sistema de ensino superior, comprometendo este e os demais níveis.

A educação é uma prioridade da sociedade. O governo, qualquer que seja, compreendendo politicamente assim, estabelecerá, se não instantaneamente, certamente em tempo menor do que aquele previsto apenas pelas reformas administrativas, as condições de erradicação do analfabetismo e de produção científica e tecnológica do País.

Os objetivos de separar as IES do MEC são plenos de boa intenção mas carentes de boas razões. Os argumentos que demonstram ser essa nova organização melhor que a atual ainda não foram apresentados. Trabalho árduo, persistente, envolvimento da sociedade e ampliação dos recursos investidos na área são instrumentos mais eficazes para uma boa educação em nosso País.

Necessariamente, é preciso afirmar que não se trata de ser refratário às mudanças e sim de ponderar os custos políticos, os riscos de desorganização do sistema e a oportunidade de se realizar experiências dessa envergadura sem o devido conhecimento da sociedade.

O documento acima procura argumentar sobre a pertinência de manter o ensino superior no MEC ou sobre a inconveniência de separar as IES desse órgão, seja criando um ministério próprio para elas ou estabelecendo uma nova subordinação ao MCT. As posições aqui apresentadas representam exclusivamente a opinião do autor e têm apenas a pretensão de contribuir para o debate do tema sem exaurir sua complexidade. A Andifes, até a presente data, não discutiu ou deliberou sobre o assunto.

## Vento a favor nos projetos da construção civil

Com a crescente verticalização das cidades, uma ferramenta ainda restrita ao meio acadêmico começa a ser cada vez mais solicitada pelos profissionais de projetos da construção civil. Conhecido como túnel de vento de Camada Limite Atmosférica, oferece vantagens como custo compatível, maior segurança e economia gerada para a construção.

O Laboratório de Aerodinâmica das Construções (LAC), localizado no Campus do Vale, desenvolveu o túnel de vento para estudar o efeito do deslocamento do ar em coberturas, estrutura de edifícios, pontes, torres de energia e telefonia, para ser usado no controle da poluição atmosférica e até na determinação do conforto de pedestres.

No mundo todo existem diversos túneis de vento. Dois deles, no Brasil, sendo que o do LAC é pioneiro na América Latina. A chamada Engenharia do Vento é uma área relativamente nova, iniciou em 1965, no Canadá. Desde então, vem dando grande contribuição à execução de projetos.

"O túnel de vento representou uma nova filosofia dentro da área de engenharia civil: até sua criação e aplicação, considerava-se de maneira incorreta o impacto do vento sobre edifica-

ções, ou, simplesmente, não se levava em conta", explica o diretor do LAC, Acir Mércio Loredou-Souza. "A partir da pesquisa sistemática em túnel de vento de camada limite, foram gerados conhecimentos e mudou totalmente a filosofia de interação do vento com o meio."

Com 20 metros de comprimento por seis de largura, o equipamento é do tipo retorno fechado, tem duas seções principais, com tamanhos diferentes, e serve para testar modelos e maquetes, além de determinar o nível de poluição atmosférica.

Como o vento natural não é uniforme nem constante, e sim turbulento, é sentido em forma de rajadas, geradas pela rugosidade artificial e natural, como em casas, edifícios, morros e árvores, que provocam variações de velocidade até uma determinada altura, variando de 200 metros a um quilômetro. Quanto mais rugosa a superfície, maior será a altura afetada. Esta região, em que o ser humano desenvolve suas atividades, é chamada de camada-limite atmosférica.

"Nosso objetivo é calcular o carregamento que o vento vai provocar em uma edificação. No momento que isso é fornecido a quem projeta e constrói a edificação, ela se torna mais segura e econômica", diz Loredou-Souza.

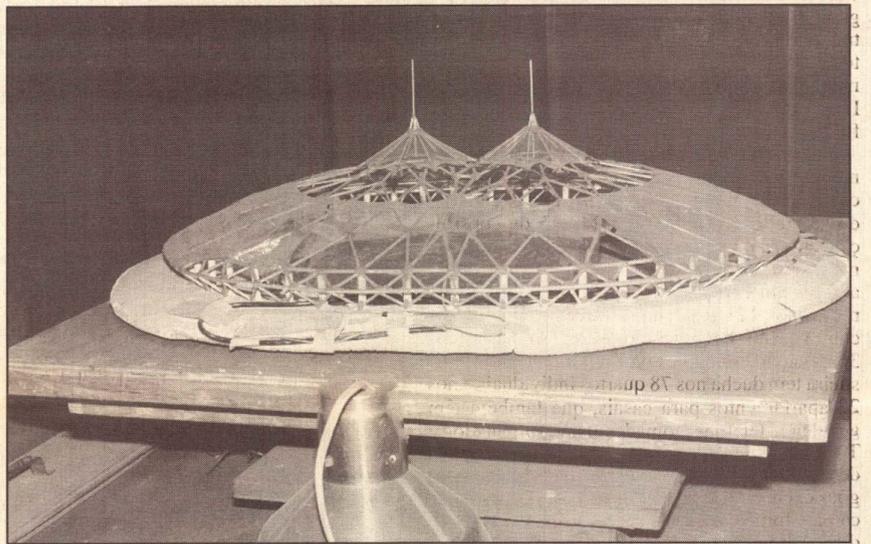
A equipe permanente do laboratório, que está comemorando 30 anos de atividade, é formada por professores do departamento de Engenharia Civil e por estudantes de graduação, mestrado e doutorado de diferentes cursos, como Arquitetura, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Engenharia Civil.

Presentes e atuantes desde o início do LAC, o fundador do laboratório, professor Joaquim Blessmann, e o técnico-administrativo Paulo Francisco Bueno também colaboram na condução dos trabalhos. "Essa é uma integração fantástica de diferentes áreas e gerações para que potencializemos toda a riqueza de geração de conhecimento que o túnel pode oferecer", diz Loredou-Souza.

E a participação dos alunos na execução dos projetos auxilia no enriquecimento da formação profissional. "Durante o trabalho, vão surgindo dúvidas. Aproveitamos para integrar o aluno na resolução de problemas, gerando maior conhecimento e uma formação mais desenvolvida."

Mensalmente, o LAC executa dois projetos, encaminhados, na maioria dos casos, eletronicamente pelas empresas ou órgãos governamentais. Eles chegam de vários pontos do Brasil e também do Exterior. A notoriedade alcançada pelo laboratório se deu através da participação constante em palestras e eventos, e publicações técnicas e científicas dentro e fora do Brasil.

A credibilidade que alcançou se deve à execução bem-sucedida de trabalhos de peso, como a ponte estaiada, sobre o Rio Guamá, no Pará, que tem 582 metros, o maior vão livre do Brasil. Também atuou no planejamento do parque gráfico do jornal O Globo, no Rio de Janeiro, do prédio do Citibank, em São Paulo, do Aeroporto Internacional dos Guararapes, no Recife, da torre da Claro Digital, em Porto Alegre, e do Estádio de La Plata, na Argentina, entre outros.



Teste em maquete determina resistência do material empregado

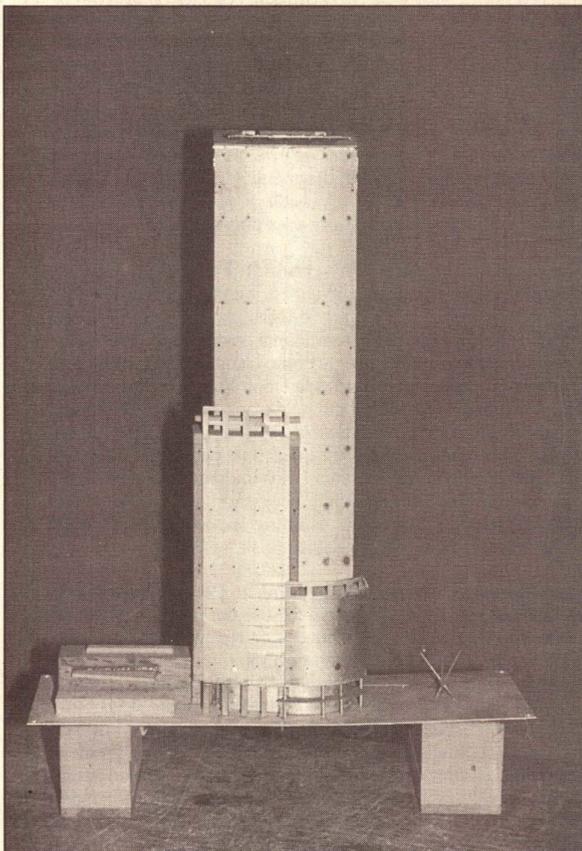
Cada projeto é minuciosamente analisado pela equipe. A partir daí, são construídos modelos (espécie de maquetes), com alturas que variam entre 10 cm e 60 cm, de madeira, alumínio ou resina, contendo centenas de tomadas de pressão, furos por onde passará o vento; enviado a sensores, que farão uma leitura das informações no computador. Depois de prontos, os modelos são colocados dentro do túnel, com geradores de turbulência, que simulam a rugosidade do terreno de entorno. O tempo para a conclusão dos relatórios varia de um a dois meses.

### MEIO AMBIENTE

Há dois anos, o LAC e o IPH vêm desenvolvendo, com trabalhos de doutorado, a parte de poluição ambiental, sendo a UFRGS, pioneira no país no que tange à ação do vento. A questão ambiental nos países de Primeiro Mundo é levada à risca. Já o Brasil, ainda engatinha no assunto. Segundo Loredou-Souza, a pergunta, inicial é: qual é o impacto que os ventos causam nos poluentes de uma fábrica? "Se conseguirmos responder essa questão de maneira quantitativa e com precisão, estaremos prestando um serviço à comunidade, permitindo que indústrias sejam implementadas e soluções adotadas, caso o nível de poluição esteja acima do permitido", diz.

A pesquisa, ainda em fase inicial, está na parte de simulação de poluentes. Fontes emissoras de diferentes tipos de gases e concentrações são simuladas para que se possa codificar os dados e verificar sensores para medir os poluentes. "Esse é um dos passos mais importantes para, em combinação com o vento, verificar e medir o impacto que terá junto à comunidade."

Segundo Loredou-Souza, a idéia é estender o trabalho, através de parcerias com entidades públicas e privadas. "É importante as pessoas entenderem que é possível termos desenvolvimento sem afetar o meio ambiente, ou atuar da maneira menos agressiva possível. É uma questão de incorporar esse conceito à cultura dos projetos." (CF)



Modelo em alumínio, com tomadas de pressão

## Faculdade de Arquitetura da UFRGS, 50 anos de criatividade e inovação.

Criada há meio século, a Faculdade de Arquitetura da UFRGS é uma das mais antigas e qualificadas instituições de ensino de arquitetura e urbanismo do Brasil. Ao longo de suas cinco décadas de existência diplomou mais de 2.800 arquitetos e urbanistas e expandiu continuamente as atividades voltadas à extensão, à pesquisa e ao ensino de pós-graduação.

O prédio da Arquitetura da UFRGS, representante autêntico do estilo modernista brasileiro, também integra o Patrimônio Histórico da Universidade.

Comemorando seus 50 anos, reafirma seu compromisso com a Universidade Pública, com o ensino qualificado que forma profissionais e cidadãos, com a pesquisa que faz avançar o conhecimento e com a extensão que aproxima a universidade da sociedade.

A UFRGS agradece a todos - professores, técnicos-administrativos e alunos - que com seu trabalho, muitas vezes anônimo, vêm construindo a história da Faculdade de Arquitetura e desta Universidade.

Universidade Viva

# Maison du Brésil reformada homenageia seus criadores

● JACIRA CABRAL DA SILVEIRA  
Jornalista

**A Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris, sofre importante reforma e inaugura exposições em homenagem a dois expoentes do Modernismo, os arquitetos Lúcio Costa e Le Corbusier.**

A *Maison du Brésil* tem dois grandes motivos para reabrir suas portas. Um deles é receber seus hóspedes num prédio totalmente reformado. O outro é proporcionar aos visitantes a oportunidade de conhecer os mais de 40 anos de sua história através da recém-inaugurada exposição permanente.

São quatro grandes painéis: a vida e obra de Lúcio Costa, autor do projeto inicial; a vida e obra de Le Corbusier, com quem o arquiteto brasileiro dividiu a execução do projeto; a construção inicial da Casa, em 1959; e as obras de sua renovação, iniciadas em 2000, num esforço conjunto dos governos brasileiro e francês.

Juntamente com a Casa da Suíça, a *maison* brasileira é uma das duas obras de Le Corbusier em Paris. Esse fato motiva intensa visitação de estudantes de arquitetura do mundo inteiro, interessados em apreciar exemplares do Modernismo. Embora hoje o mobiliário não seja mais o concebido no projeto original, as cores permanecem visíveis e abundantes nos dois módulos que integram a estrutura de cinco andares. "Para encontrar a *Maison du Brésil* é só procurar pela casa toda colorida", afirma a professora do Departamento de Línguas Modernas da Faculdade de Letras da UFRGS, Patrícia Chittoni Ramos, que foi hóspede da casa de 2001 a 2002.

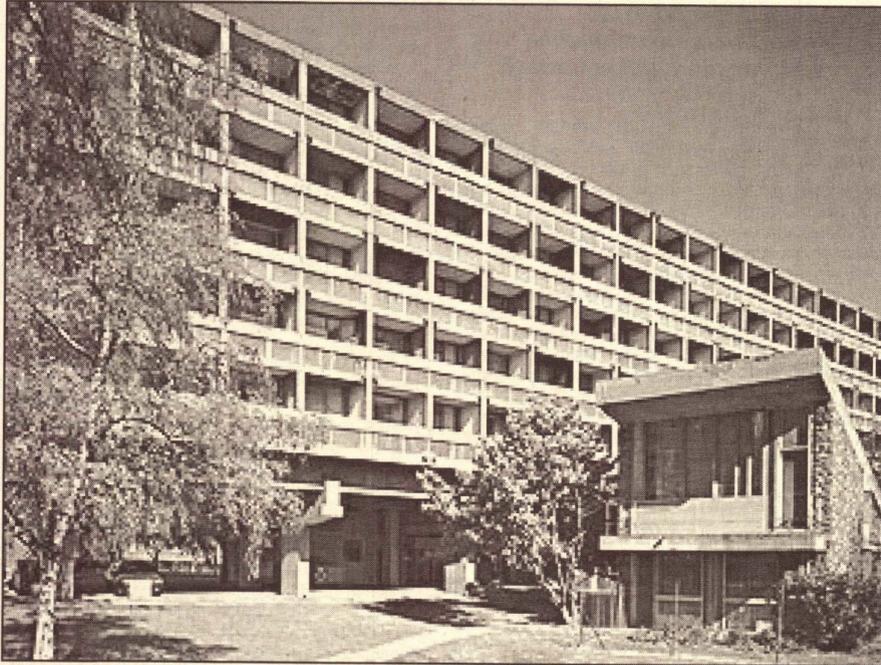
Listras azuis, verdes, amarelas, pretas e vermelhas podem ser vistas tanto na pintura das sacadas, como no teto dos quartos e nas paredes dos corredores. Os quase 5.500 m<sup>2</sup> de construção, ao mesmo tempo que causam impacto à primeira vista pela presença marcante do concreto, apresentam espaços internos funcionais que oferecem aos 121 residentes conveniências só encontradas ali. Diferente do que ocorre nas outras 36 casas de estudantes da *Cité*, a residência brasileira tem ducha nos 78 quartos individuais e nos 22 apartamentos para casais, que também têm geladeira, telefone, tomadas para computador e TV. São 20 unidades por andar com uma cozinha de uso coletivo para os quartos individuais e fogões exclusivos nos quartos de casal. A roupa de cama é fornecida pela casa e é trocada a cada 15 dias. A limpeza dos espaços comuns é feita diariamente e dos quartos uma vez por semana.

Existem muitos espaços que promovem o encontro dos estudantes nos momentos de lazer. Um deles fica no primeiro andar, é a sala coletiva de televisão para aqueles que não dispõem de um aparelho no quarto. No subsolo fica a lavanderia, equipada com máquinas de lavar e secar roupas, tábuas e ferro de passar. Há também a cafeteria onde os hóspedes podem se reunir ou promover festas, feijoadas ou churrascos, pois dispõe de uma cozinha inteiramente equipada. A sala tem ainda um anexo com piano para reuniões menores.

Mas é no térreo que está instalada a maior parte dos locais destinados ao uso comunitário: a administração e as salas para atividades culturais. No teatro, com capacidade para 150 pessoas, além de espetáculos são promovidas conferências, exposições e coquetéis. Há também um local especial para projeção de filmes. E, com o aporte de livros oferecidos pela Embaixada do Brasil, foi ampliado o acervo da biblioteca, que agora totaliza mais de 12 mil títulos, todos de referência do Brasil. Existe ainda uma sala multiuso, onde em breve serão oferecidos cursos de português e de sala de informática, com computadores conectados permanentemente à Internet.

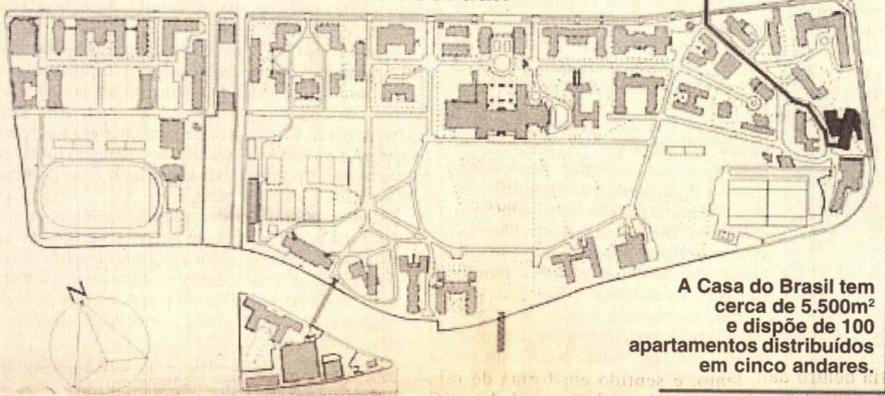
## A CIDADE UNIVERSITÁRIA

A Cidade Universitária está a dez minutos do Quartier Latin, o bairro com maior concentração



Importante exemplo da arquitetura moderna atrai visitantes do mundo inteiro

## RER B station Cité Universitaire boulevard Jourdan



A Casa do Brasil tem cerca de 5.500m<sup>2</sup> e dispõe de 100 apartamentos distribuídos em cinco andares.

de universidades e escolas. Uma linha de metrô urbano e quatro linhas de ônibus passam na porta da *Maison*. Essa comodidade dispensa o uso de carro, até porque o acesso de veículos na *Cité* é bastante limitado, uma vez que é dada prioridade aos pedestres. Tais características fazem desse complexo quase um condomínio privado, um verdadeiro parque dentro de Paris, com grandes extensões de áreas verdes, ideal para longas caminhadas.

Quando às atividades culturais, existe uma publicação geral da Cidade Universitária que divulga o que é oferecido nas diferentes residências, como forma de promover as produções artísticas, tradições e costumes de cada país. Uma das festas mais conhecidas e aguardadas na *Cité* é o carnaval que acontece todos os anos na *Maison du Brésil*. "A procura é tão grande que a impressão que a gente tem é que o povo quer invadir", comenta a antropóloga e professora dos cursos de Medicina e Antropologia da UFRGS, Daniela Riva Knauth, que morou na Casa de dezembro de 1991 a dezembro de 1992, quando foi fazer doutorado.

## UMA DIRETORA BRASILEIRA

Um dos princípios básicos da *Cité* é a integração, comenta a diretora da *Maison du Brésil*, a arquiteta Inez Salim, que há oito anos mora em Paris e dirige a Casa desde dezembro de 1995. Para isso, cada casa deve reservar no mínimo 30% das vagas para hóspedes de outras nacionalidades. Isso permite um exercício maior do francês, idioma oficial na cidade universitária. "Se não fizessemos isso, muitos estudantes voltariam ao

Brasil com um francês tão precário como o de quando saíram do país", diz a diretora. Alguns gostam tanto da experiência que, quando termina o ano, pedem para serem enviados a outra casa.

Quando assumiu a *Maison*, Inez precisou enfrentar uma série de problemas: estava desativada a moradia do diretor, que recebia remuneração simbólica, pois as contas da Casa apresentavam déficit crônico e o prédio se encontrava em estado deplorável. A indicação de Inez veio em função de seu perfil profissional. Sendo arquiteta, com experiência em administração pública, teria mais condições de recuperar o prédio tombado como patrimônio histórico. Segundo ela, mesmo que a rotina da direção da *Maison* seja semelhante à de qualquer outra instituição, seu cotidiano é bastante variado e rico, pelo fato de lidar, diariamente e ao mesmo tempo, com pessoas de múltiplas nacionalidades, dentro de um contexto internacional.

- O mais agradável deste trabalho é o contato com pessoas realmente maravilhosas que tive a ocasião de conhecer como residentes da Casa do Brasil. Há também a sensação de estar contribuindo de alguma forma para ajudar pessoas que precisam e merecem avançar em seus projetos de estudo e pesquisa. Isso vai, certamente, melhorar alguma coisa na realidade de nosso país.

## Lúcio Costa faz 100 anos

Se estivesse vivo, o arquiteto e urbanista Lúcio Costa - autor do projeto inicial da Casa do Brasil, em Paris, 1952, e do Plano Piloto de Brasília, em 1957 - estaria completando 100 anos em 2002. Para marcar a data, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em conjunto com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, lançou um selo postal comemorativo.

Os projetos, a atuação acadêmica e a produção intelectual de Lúcio Costa influíram no amadurecimento da moderna arquitetura brasileira, na reforma do ensino superior, na historiografia arquitetônica nacional e na criação das normas de preservação do patrimônio histórico nacional.

Filho de brasileiros, Lúcio Costa nasceu em Toulon, na França, no dia 27 de fevereiro de 1902 e fez os estudos fundamentais na Inglaterra, França e Suíça. Em 1916 a família retornou ao Brasil e o pai matriculou-o na Escola Nacional de Belas Artes, onde ele se formou arquiteto em 1924.

Sua obra arquitetônica e urbanística foi amplamente difundida no Brasil e no Exterior através de livros e ensaios, e ele desenvolveu projetos na Itália, Nigéria e Marrocos. Em 1970, recebeu do presidente Georges Pompidou a maior honraria do governo francês, a Legião de Honra, no grau de *commandeur*. Uma década antes, havia recebido o título de *doutor honoris causa* da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos.

## Referência inicial faz diferença para quem vai estudar no exterior

É difícil chegar a um outro país tendo que dividir o tempo entre as obrigações de um curso de pós-graduação e toda uma série de aspectos práticos e emocionais que envolvem a fixação de um novo endereço no exterior. Adaptar-se ao clima, familiarizar-se com o idioma, conhecer a cidade, conseguir fiador para alugar um imóvel e a saudade da família são algumas das primeiras dificuldades encontradas. Mas, para os estudantes que vão fazer pesquisa ou completar estudos em Paris esses problemas são atenuados quando a primeira referência é a *Maison du Brésil*.

"Se não existe uma estrutura de apoio, a pessoa perde muito tempo, passa numa tensão brutal", comenta o secretário de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Renato Oliveira, que morou na Casa do Brasil de outubro de 1989 a meados de 1991, quando fazia doutorado em Sociologia, na Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais.

Depois de passar onze dias vagando pela capital francesa à procura de onde morar, Renato só se deu conta onde estava quando despertou de um estado de absorção total durante uma volta de metrô. Cansado, olhando para o nada, passou pela janela a sua frente a imagem da torre Eiffel: "Bah! Estou em Paris", despertou.

Como não tinha o endereço correto da *Maison du Brésil*, para o qual havia enviado o dossiê solicitando hospedagem enquanto ainda estava aqui, enfrentou situações de que agora acha graça. Foi ao acaso que encontrou um funcionário da Unesco que o levou ao endereço certo. Assim, ele pôde ocupar o primeiro de uma série de quartos onde morou na *Maison*. Mas a experiência mostra que o melhor é sair do Brasil com a hospedagem já garantida. Através do site [www.maisondubresil.org](http://www.maisondubresil.org) o interessado pode obter todas as informações para fazer sua reserva.

Assim como Renato, a antropóloga e professora dos cursos de Medicina e Antropologia da UFRGS Daniela Riva Knauth, enfrentou dificuldades para se instalar. Depois de um mês hospedada numa residência particular, foi encaminhada à Casa do Brasil e, a muito custo, conseguiu um apartamento pequeno para ela e o marido, com quem acabara de casar no Brasil.

Essa situação de recém-casada e estar a estudar num país estranho lhe parecia inédita. Mas, ao chegar à Casa do Brasil, constatou que muitos experimentavam este desafio. Também percebeu que esta condição lhes dava *status* de família entre tantos estudantes sozinhos. Foi o que aconteceu com uma jovem estudante italiana que adotou os dois, fazendo suas refeições com o casal. "Ela até pedia opinião na hora de escolher uma roupa".

A professora do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS, Patrícia Chittoni Ramos, hóspede na *Maison* de abril de 2001 a fevereiro de 2002, também experimentou as dificuldades e compensações de estar morando e estudando fora de seu país, junto com o marido, em uma casa repleta de pessoas até então desconhecidas. Já no final de sua estada como doutoranda, Patrícia enfrentou uma gravidez de risco. Se não fosse o apoio dos novos amigos brasileiros teria sido muito mais difícil para ela.

O convívio com os estrangeiros que moram na *Maison* muitas vezes promove um intercâmbio tão interessante quanto cômico. Foi o que aconteceu com Renato Oliveira e seu novo vizinho de quarto, um chinês muito risonho que, a qualquer pergunta, respondia: *oui*. Certo dia, data final da eleição do Comitê de Residentes, Renato já estava preocupado porque Wu não chegava para votar. Durante toda a semana, haviam combinado de participar do pleito, mas o amigo nada de aparecer. Então, minutos antes de terminar a eleição, subiu ao quarto do chinês e perguntou se não ia votar. Recebeu a resposta de sempre: *oui*. Mas, diante da falta de jeito de Wu frente à urna, com a cédula na mão, percebeu que seu amigo oriental não sabia o que era uma eleição. "Criamos um subversivo na China!", comenta rindo.

## CURIOSOS E DIFÍCEIS MOMENTOS

Nem sempre as regras foram as mesmas na *Maison*. O neurologista aposentado, ex-professor do Curso de Medicina da UFRGS, Roberto Guerra Santiago, foi hóspede da Casa de setembro de 1959, ano de sua inauguração, a outubro de 1960. Nessa época, os rapazes não podiam acessar os andares quarto e quinto pelo elevador. "Segregação total, não podíamos usar o elevador para não descer nos andares segundo e terceiro, destinados às moças", explica o médico, reclamando do esforço diário para subir quatro ou cinco lances de escada.

Havia também um horário de silêncio. Roberto lembra que não foram poucos os rapazes chamados à direção para um pito do *monsieur* Alves, como chamavam o diretor, "um nordestino muito rígido e pouco estimado". Mas o rigor enfrentado na *Maison*, comparável à severidade da educação paterna da época - Roberto era obrigado a escrever uma carta por mês aos pais - não afetava o *glamour* de viver em Paris. Nem a alegria experimentada nas férias, quando era só pedir um reforço aos pais e organizar inesquecíveis excursões com o pessoal da *Maison*.

Diferente da sensação de prazer de estar na Casa do Brasil na década de 50, foi o sentimento de Roberto quando voltou a Paris em 1999 e, junto com a esposa, visitou a antiga morada. "Fiquei com vergonha de ser brasileiro." Seu comentário deve-se ao espanto frente ao mau estado de conservação do prédio, que em 1994 havia sido interditado por falta de segurança. Isso tem uma explicação. Segundo o atual secretário de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Renato Oliveira, isso teve início a partir do momento em que a *Maison* se tornou uma espécie de local de resistência para os exilados do Brasil de 1964. "O governo militar passou a boicotar a Casa, não enviando a verba para a manutenção."

Somada a essa situação, havia o agravante de um diretor que enfrentava problemas de saúde. Dessa forma, a Casa passou a ter um sistema anarquizado de gerenciamento. Por isso, quando Wu e os outros moradores da *Maison* elegeram o primeiro Comitê de Residentes, em 1990, a Casa do Brasil inaugurou nova fase a caminho da recuperação. Uma das primeiras providências foi organizar um big carnaval. Com a arrecadação, as cozinhas foram equipadas, instalou-se o sistema de portaria eletrônica e foi adquirido o primeiro computador para uso coletivo.

Embora Roberto tenha sentido vergonha de ser brasileiro quando retornou à Casa no final dos anos 90, Patrícia e seu marido francês não vêm a hora de voltar a se hospedar na *Maison* quando voltarem a Paris. Isso se deve às boas recordações, tanto do ambiente como das acomodações experimentadas no ano passado, quando residiram lá. "Só não voltamos à França nas férias de outubro, em função da alta do dólar", justifica Patrícia.



A Casa é composta por espaços funcionais

# O LABIRINTO

**Símbolo da civilização, com mais de 4.500 anos de história, o labirinto tem na Internet sua melhor representação contemporânea**

**S**e você buscar a palavra "labirinto" na Internet, e não tiver muita paciência e deliberação, certamente se perderá entre as milhares de páginas, em todos os idiomas, dedicadas ao tema sob todas as formas. O labirinto está na mitologia, na História, na literatura, no cinema, na música, nas artes plásticas, na arquitetura, nas brincadeiras infantis.

Escritores como James Joyce e Jorge Luis Borges construíram sua obra tendo como base o signo do labirinto. No cinema, podem ser lembrados filmes como o recente *Amnésia* e sua linguagem tortuosa, e como o clássico *O Iluminado*, de Stanley Kubrick, cujas seqüências de maior suspense e beleza plástica ocorrem em um labirinto formado por arbustos.

(Belíssimos labirintos vegetais também adornam vários parques principalmente na Europa, sendo sempre citados os jardins de Versalhes. Ao contrário dos labirintos clássicos, que metaforicamente passaram a designar situações complicadas, perigosas ou sem saída, os labirintos decorativos, feitos de cerca viva, remetem ao lúdico, ao prazer.)

Mas é nos videogames que o labirinto contemporâneo encontra seu mais fiel representante – e a Internet também se encarrega de mostrar isso, experimente conferir. Aliás, a Internet é o próprio labirinto, considerando que o princípio básico do volume caótico de informações (caminhos, sendas, meandros) é oferecer sempre uma saída, seja qual for.

Um dos símbolos da civilização que mais fascina o homem, o labirinto é estudado há séculos. Agora mesmo, a professora Lúcia Leão, doutora em Tecnologias da Informação pelo Departamento de Comunicação Semiótica da PUC-SP, realiza pesquisas que relacionam o labirinto à cultura. Suas palestras sobre "Estética do Labirinto" despertam cada vez mais interesse.

Já são 4.500 anos de história. Os primeiros labirintos foram construídos no Egito no período do Antigo Império, em entradas de palácios, fortes e tumbas. Se uma entrada de palácio era guardada por uma passagem ziguezagueante, tornava-se mais fácil defendê-la. No caso de uma tumba, dificultava o acesso à câmara mortuária ou ao tesouro.

O maior labirinto de todos os tempos foi construído por Amenemhat III em cerca de 1.800 a.C. Ainda existia quando Heródoto (484-425 a.C.) visitou-o. Tinha umas três mil salas ligadas entre si por um sistema de passagens tão intrincado

que, sem um guia experiente, ninguém conseguia escapar da desorientação total.

Esta fantástica estrutura é reputada também por ter

dado a Dédalo, o mítico arquiteto e inventor ateniense, a inspiração para construir o Palácio de Knossos, em Creta, mais tarde famoso pela lenda de Teseu e o Minotauro. Quando o palácio foi escavado por Sir Arthur Evans, no início do século 20, encontrou-se o símbolo religioso da dupla machadinha.

A antiga palavra grega correspondente a este tipo de machadinha era "labrys". A descoberta aparentemente confirmava não apenas a existência do palácio como o lugar da lenda, como também a derivação da palavra "labirinto", significando um complexo de salas e passagens fáceis de serem atingidas mas quase impossíveis de serem deixadas.

Linhas labirínticas foram usadas como desenho em amuletos e moedas muito antes e muito depois de o Palácio de Knossos fosse destruído por um terremoto, em 1.600 a.C. E os romanos também se encarregaram de espalhar pela Europa belos exemplares de labirintos ainda de pé, como os de Harpham e Caerlon, nas Ilhas Britânicas.

Durante a Idade Média, desenhos labirínticos começaram a aparecer nas paredes e assoalhos das igrejas. Os melhores remanescentes estão nas igrejas da Europa, especialmente na França (Chartres) e na Itália (Lucca). Uma das teorias sobre o propósito dos labirintos nas igrejas é a de que serviam para lembrar os crentes das provações e tentações que fazem difícil o caminho dos céus.

Outra, é a de que eram um substituto das peregrinações à Terra Santa – o fato de serem chamados de "Caminhos de Jerusalém" parece confirmar isso. Em vez de os peregrinos fazerem a perigosa viagem como penitência, andavam de joelhos ao redor do labirinto. Ou, se era um labirinto de parede, traçavam paciente e demoradamente o plano de saída com o dedo.

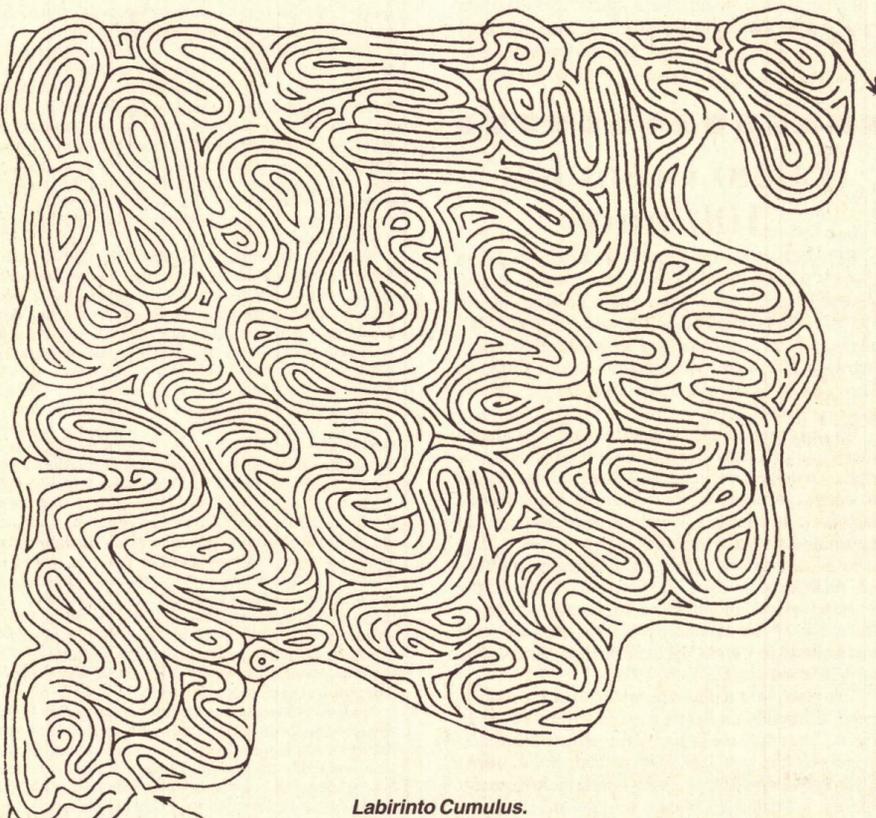
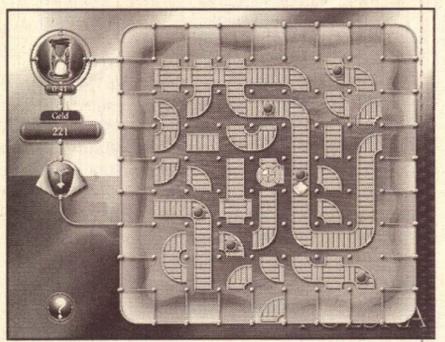
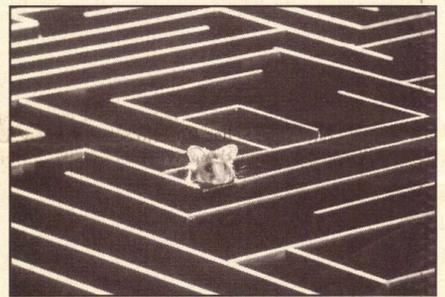
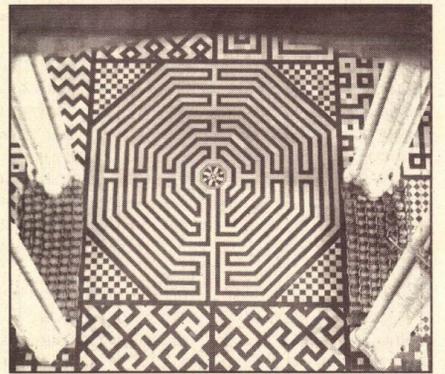
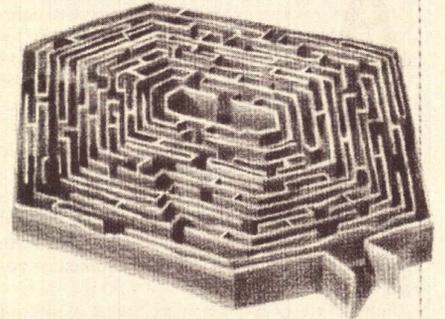
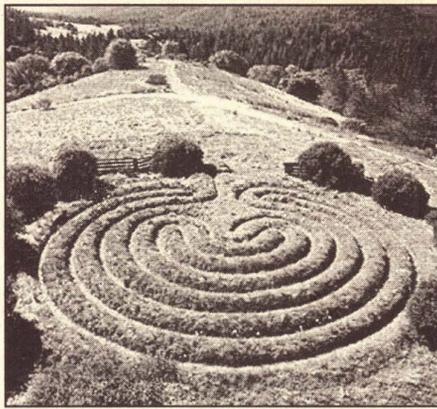
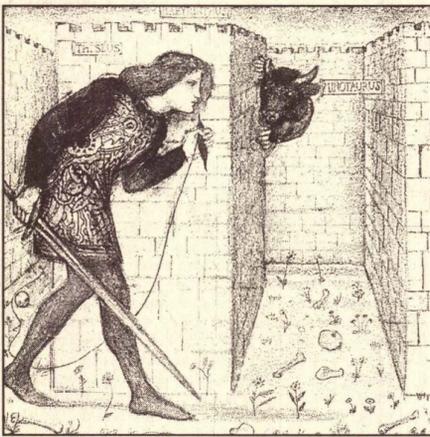
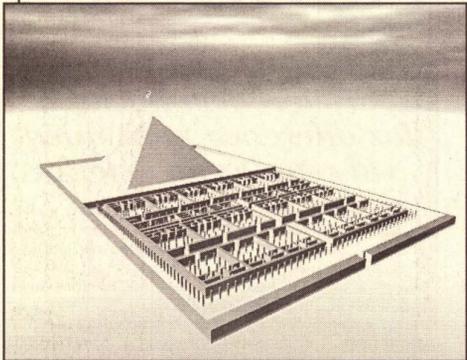
Atravessando séculos na febre dos jogos labirínticos que movem nossos videogameiros, lembre-se o escritor romano Plínio, o Velho. Os antigos labirintos encontrados nos campos, cogitava, eram para o entretenimento das crianças. Mas podem ser restos de um jogo adulto, caído em desuso devido à grande quantidade de terra que cobriam.

A professora Lúcia Leão menciona a tribo dos malekulas, da Melanésia, como exemplo curioso da presença atual do labirinto na cultura de um povo. "Eles dizem que quando uma pessoa morre encontra uma velha na porta. A velha desenha um labirinto na areia e o apaga. A pessoa tem que refazer o desenho idêntico. Se consegue, é porque teve a capacidade de compreender sua vida e a de seu povo."

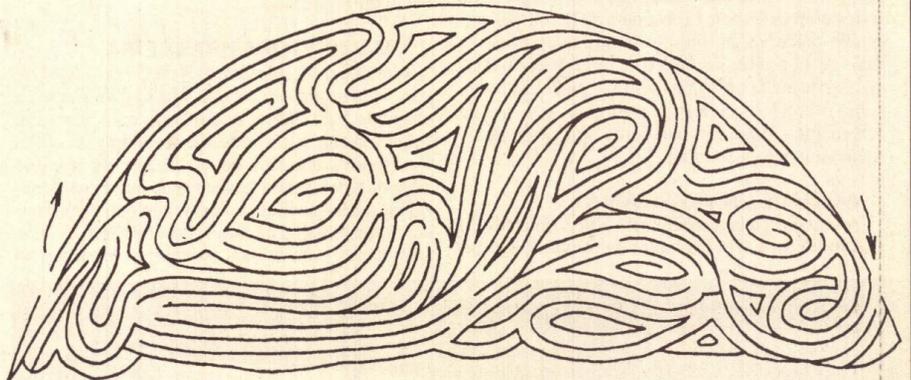
E depois de tudo isto, convidamos o leitor do Jornal da Universidade a brincar um pouco, tentando encontrar a saída dos labirintos desta página. Na lenda grega do Minotauro, a besta com corpo de homem e cabeça de touro vivia em um labirinto e apavorava o povo se alimentando de carne humana, oferecida em sacrifício pelo rei de Creta.

Ariadne, filha do rei, ama Teseu, que, ajudado pela princesa, consegue matar o Minotauro e escapar do labirinto. Ariadne teve a idéia de dar-lhe um novelo de linha, que ele foi desenrolando e que o ajudou a trilhar o caminho de volta. Entre mil dificuldades, sempre há uma saída. É por aí. Com e sem metáfora...

(Pesquisa e texto de Juarez Fonseca)



**Labirinto Cumulus.**  
Tempo médio de solução 18 minutos



**Labirinto Cerebellum.** Tempo médio de solução 5 minutos

Como sair



FLÁVIO OLIVEIRA

“Ninguém ensina ninguém a compor”

RICARDO DE ANDRADE

O compositor e mentor cultural está lançando “Tudo Muda”, seu primeiro disco em mais de 30 anos de trabalho

Ele não é “apenas” um dos mais importantes compositores contemporâneos brasileiros. Nascido em Santa Maria, em 1944, Flávio Oliveira pertence à categoria de homens que Brecht classificava como imprescindíveis. Paralelamente ao trabalho de compositor, há mais de 30 anos se dedica às atividades de divulgador, ordenador e impulsionador da música. Foi professor no Instituto Educacional João XXIII e no Instituto de Artes da UFRGS. Dirigiu a Discoteca Pública Natho Henn. Coordenou o Projeto Bruno Kieffer, da prefeitura de Porto Alegre. Produziu vários discos. É um dos idealizadores e participantes mais ativos do Encontro (Encontro de Compositores Latino-Americanos). Com um temperamento vigoroso, não mede muito as palavras quando é para criticar burocracias e insensibilidades que dificultam o processo que envolve a música e a cultura. Flávio pode ser encontrado diariamente num dos seus lugares preferidos – e isso há 25 anos: a Rádio da Universidade, onde produz e apresenta programas de música contemporânea. E agora, finalmente, está lançando seu primeiro disco individual, *Tudo Muda*. É um dos assuntos da entrevista a seguir, concedida a Jurez Fonseca.

O que representa este primeiro disco com o registro de parte de sua obra?

Tenho obras esparsas em outras gravações, mas este CD, só com obras minhas, representa poder levar a mais ouvintes a música que realizo. Também, que a oportunidade dada pelo Fumproarte, da prefeitura de Porto Alegre, financiando 80% do disco, é um tipo de reconhecimento da comunidade em relação ao trabalho de um cidadão que faz música desde a infância, para diversas funções sociais. Acho ainda que parte disso se deve creditar ao sonho do professor Joaquim Felizardo, que no final dos anos 80 criou a Secretaria Municipal da Cultura e o Funcultura. Neste CD está um pouco do coração de Felizardo. Mas o significado do registro de 14 obras de diversas épocas vai além do pessoal. Se, do ponto de vista pessoal, foi importante a interação com os músicos jovens – todos mais jovens do que eu –, a interação deles entre si e comigo tem um viés coletivo. O que dimensiona o CD para além do pessoal e faz com que também represente o registro de um momento da música viva de Porto Alegre. A interação se estende ainda aos técnicos de som Marcelo Sfoggia e Marcos Abreu, e ao maestro Frederico Gerling Jr. Sem a compreensão de Gerling não conseguiríamos espaço físico e instrumentos adequados para um bom registro.

No encarte do CD, você se diz um “compositor inicialmente autodidata”. Pode falar sobre isso?

Com “compositor inicialmente autodidata” quero dizer que somente fui ter “aulas” depois de ter composto bastante. O regime de meus estudos foi predominantemente de ateliê, no sentido do fazer artístico. Por exemplo: quando tive aulas de contraponto com Armando Albuquerque, eu também mostrava o que estava compondo – tocávamos e trocávamos idéias. Mesmo porque, ninguém ensina ninguém a compor. O que se pode fazer é auxiliar o sujeito a escutar melhor a música que está dentro dele, cooperar tecnicamente para que ele desenvolva seus potenciais. Esta idéia está presente nos ateliês dos artistas desde que o mundo é mundo. Então, lá pelos 20 e tantos anos eu fazia cursos, participava de seminários, de encontros de compositores. Trabalhei por curtos espaços de tempo, entre outros, com Esther Sclar, Roberto Schnorenberg, Ernst Hüber-Contwig. E por um tempo maior, com Willy Corrêa de Oliveira, em idas e vindas à paulicéia desvairada. Tive uma experiência muito rica também com Maurice Le Roux, na USP. Quando o conheci, fiquei encantado com sua simplicidade e seu conhecimento. Armando e Le Roux tinham uma postura crítica clara, objetiva, e me estimularam a continuar.

Quais foram suas influências básicas?

Gosto de uma expressão que Mário Quintana usou certa vez em que conversávamos sobre “influências”: confluências. Tive sim, muitas. Somente hoje as vejo com clareza. As primeiras e mais marcantes foram Debussy, Ravel e Villa-Lobos, que me entraram sangue a dentro na infância e na adolescência. Depois, perto dos 20 anos, Edgar Varèse. Devo salientar que em 1962, aos 18 anos, eu já tinha lido *The Counterpoint of 20th Century*, de Hunfrey Searle, estudado o dodecafonismo e analisado, pelo menos, obras do opus 17 em diante de Webern, além de ter escutado enorme repertório de contemporâneos. Também por conta própria, tinha analisado muitos renascentistas, e me apaixonara pela Arte da Fuga de Bach. No verão de 1962, fui a São Paulo para assistir cinema, concertos, visitar escolas e orquestras e comprar material. Assim funciona um autodidata... Além do que, meu pai, que era geógrafo, de suas viagens trazia-me religiosamente as encomendas que eu fazia.

Tinha também, depois, a mina de ouro da Rádio da Universidade...

Sim, viver “dentro” do acervo da Rádio da Universidade, onde convivi com Armando Albuquerque e muita gente que circulava por lá, da cultura brasileira e internacional, foi importante na minha formação. Na Rádio, convivi também com Aníbal Damasceno Ferreira, um sujeito com grandeza de espírito, vasta cultura literária, musical, filosófica. Era generoso, tinha enorme capacidade de diálogo. Um sujeito fundamental para minha geração.

Qual o papel da academia na formação do músico?

Tem sido corrente usar “academia” para “universidade”, “vida acadêmica” para “vida universitária” e assim por diante. Se for esta a acepção, temos de considerar que, historicamente, a música sempre existiu fora das universidades – até o momento em que, nos Estados Unidos, seu ensino passa a fazer parte da universidade. Armando Albuquerque não cursou o Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS, mas estudou e praticou no que era então o Instituto de Belas Artes. Na Alemanha, se estuda em escolas superiores de música, fora das universidades. Considerando, através da história, a prática artística, a reflexão artística, a repercussão sobre arte, vamos ver que a tradição era passada adiante, com os acréscimos das inovações, através das gerações de artistas. Conforme a época, isto se deu através de ateliês e de escolas. Giotto não pertenceu à “escola” de Simabue? Liszt foi aluno de Salieri. Cristina Ortiz foi aluna de Dirce Knijnik. A música que faço, como qualquer outra, depende do conhecimento da tradição. Coisa que a gente não pára nunca de estudar e praticar. O resto é preconceito. Mas é claro que o estudo sistematizado, nas universidades, ajuda bastante. E hoje, nas excelentes escolas que temos, como o Instituto de Artes, é ótimo estudar música.

Na UFRGS você se formou em Letras...

Também prestei vestibular ao Instituto de Artes, coisa que talvez ninguém saiba, e até tirei primeiro lugar. O que não quer dizer nada, porque aquele talvez não fosse o momento melhor do Instituto. Mas por várias razões, incluindo a nefanda ditadura, acabei não me adaptando bem aos cursos e segui por outros caminhos. A lei 477, jubileamento e quejandos, foram aplicados para me expulsar da UFRGS. E eu, que cursava Letras, acabei nem podendo concluir o curso. Até 1975, quando a inteligência da professora Nora Thielen me fez abrir um processo para mostrar que havia um engano em não me deixar estudar. Então, pude acabar meu curso. Afinal, eu era professor atuante e músico atuante, reconhecido pela comunidade de Porto Alegre. Mas o que quero dizer é que houve uma contradição positiva: eu cá com minhas deficiências para frequentar escolas de música, acabei podendo estudar música do meu jeito – e justamente, quem sabe, por não haver entrado no Instituto de Artes. Posso dizer que sou um modesto compositor do bairro Gasômetro que, depois, foi morar na Azenha. Faço questão de frisar esta minha deficiência para frequentar escolas de música, porque ela é verdadeira. Embora, parodiando Groucho Marx, eu tenha de admitir: como vou frequentar uma escola que me aceita como estudante?



E a questão das letras?

Escolhi o curso de Letras porque tive uma educação excelente até o momento de entrar na universidade. Achei que era bom continuar a estudar latim e quis conhecer um pouco de grego. Também dei atenção a disciplinas relacionadas à lingüística e à filologia. Pensava que estes estudos me facilitariam os estudos da linguagem musical e me criariam *inputs* fundamentais para a cultura clássica relacionada à arte e à cultura ocidentais.

O que é, em sua opinião, música erudita hoje?

Duas questões. Orgânica e dinamicamente, a história da música achasse associada à história da sociedade, da qual não pode ser isolada sem perder sua inteligibilidade. Em todos os tempos, a música exerceu funções sociais que correspondiam às necessidades da sociedade. Os rótulos não importam, o que importa é que há inúmeros fazer musicais, com funções distintas e trajetórias complexas. Um exemplo: o mestre Géraldo Flach. Certa vez o ouvi na Cia Sandwiches, e os improvisos eram tão geniais, que os mestres Paulo Lata Velha e Tenison Ramos largaram a pausa do lanche e enfiaram seus instrumentos para participar de um verdadeiro espetáculo que durou mais de meia hora. Este é um dos tantos fazer musicais de nosso multifário Rio Grande do Sul. Aprende-se muito escutando essa música em momentos como esse. Se me plantasse a “viajar” pelos vários segmentos do Rio Grande, e que frequentar ouvir, ficaria páginas e páginas contando o que aprendi e aprendo. Gosto muito de música e ouço de tudo.

Armando Albuquerque não gostava da expressão “erudita”. Costumava identificá-la como “a música aquela”.

Por comparação, por imagem, a palavra “erudito” me lembra sempre um silo e a palavra “culto”, uma padaria. O silo acumula grãos: se tu abrires a portinha, ele te soterra sob os grãos; a padaria não, ela processa os grãos e te dá pão integral, bolacha, pão francês, cuca, rosas, etc. Acho que o Mário de Andrade não foi feliz quando utilizou a expressão “música erudita”. O efeito foi horrível, porque começaram a usá-la completamente descontextualizada. Aliás, com outras coisas também é assim. Mas a palavra “erudita” é totalmente inadequada. Erudito é outra coisa. Eu faço música. Se dizem que é erudita, o problema é de quem diz, de quem coloca o rótulo. Eu não tenho nada que ver com isso. As músicas que componho certamente poderão ser reconhecidas pela escuta humana, nunca pelo rótulo. E isso me agrada.

“O interesse da maioria dos políticos pela cultura muitas vezes é nenhum”

Como é ser músico no Rio Grande do Sul e no Brasil?

Vou lembrar Karl Marx: pior que o capitalismo, só o capitalismo subdesenvolvido. O capitalismo eu não conheço, só conheço o subdesenvolvido. O Peter Naumann, outro dia, me revelou uma perplexidade à qual me solidarizei: a vocação histórica do PT seria (ou é) a de civilizar um pouco o capitalismo (sic!) brasileiro; afinal, corremos o risco de morreremos sem termos chegado ao século XVIII. E as coisas aqui são mais difíceis ainda porque, como disse anos atrás Décio Freitas, em entrevista ao Correio do Povo, sobre o 15 de novembro: “A idéia de república ainda não chegou ao Brasil”. O repórter redarguiu como um tímido “como assim?”. Ao que o Décio lascou, com toda a honestidade: “Na república, todos são iguais perante a lei”. Quer dizer: ser músico num país subdesenvolvido não é fácil.

Poderia falar sobre a questão do mercado para “essa música”?

A quem pertence o mercado? Certamente não aos músicos. Quanto ao que está sendo chamado de música “cultura” ou “acadêmica”, há estudos nos Estados Unidos sobre a música produzida intra-muros, nas universidades, à qual o grande público não tem acesso e que corre paralela ao mundo dos recitais públicos e dos discos. Os livros estão à disposição de quem tiver curiosidade. E há as considerações de Glenn Gould. O teatro lotava não para escutar música, mas para ver Gould tocar. Então, ele resolveu cair fora – não deu mais concertos, só gravou. O mesmo problema preocupava Mário de Andrade, nos anos 30: quando Braïlowsky tocava, o público não ia escutar música mas ouvir o *touché*, as escalas e certos sons que ele perpetrava. A coisa não é de hoje. Não sei o que quer o mercado além do lucro. O mercado não funciona pela estética, mas pelo cifrão. Mesmo assim, chamo a atenção para o fato de que há mudanças. O público de todo o mundo mostra-se cada vez mais interessado em “outras culturas”, outras músicas... E não é só pelo exótico, como no tempo do Villa-Lobos. O mercado já absorve muita coisa dita alternativa e independente.

Você é um dos envolvidos no trabalho de resgate dos compositores gaúchos do passado. Pode falar sobre isso?

Os esforços, neste momento, são no sentido de conhecer cada autor, sua obra, poder ter acesso às partituras, tocá-las, divulgá-las, para que se possa criar condições para a repercussão. Como vamos falar sobre o que não conhecemos? Há o trabalho dos discos da Se-

O CD *Tudo Muda* – *A Música de Flávio Oliveira* reúne 14 obras, compostas entre 1974 e 1995. Os intérpretes, além do próprio autor ao piano, são a soprano Carla Maffioletti, o barítono Carlos Rodrigues, os pianistas Olinda Alessandrini, Caio Pagano, Guilherme Goldberg, Catarina Domenici e Ney Fialkow, os flautistas Arthur Elias, Lúcia Carpena e Raul Costa D’Ávila, o oboísta Javier Balbinder, o trombonista Julio Rizzo, o clarinetista



A Música de Flávio Oliveira

Diego Grendene, a harpista Norma Rodrigues, os violinistas Telmo Jaconi e Rodrigo Bustamante, a violista Gabriela Vilanova de Souza, o violoncelista Wenceslau Moreyra e o regente Ion Bressan.

As obras: *Tudo Muda* (1986), *Uruguay* (sobre poema de Ariel Rodrigues, 1981-1989), *Mistérios* (1986), *Aos Que Partiram* (1986) e *Ao Homem Che* (1984), todas

sobre poemas de Roberto Mascantônio), *To a Certain Cantatrice* (sobre poema de Walt Whitman, 1991), *Ein Musikalischer Brief/Uma Carta Musical* (1995), *Peça Para Piano* (1974), *Round About Debussy – Versão nº 1* (1989), *...Quando Olhos e Mãos...* (1975), *Movimentos: Variações* (1977), *Intradução de Ravel* (1979), *Round About Debussy – Versão nº 2* (1995) e *Nênia* (1992).

O CD foi financiado pelo Fumproarte, com apoio da UFRGS e do selo Barulhinho, que faz a distribuição (fone 3311.1137).

cretaria Municipal da Cultura, através do qual tem-se recuperado alguns autores. Também conseguimos gravar quase toda a obra de Araújo Vianna, falta só o *Rei Galaor*. Os projetos de preservação são geralmente propostos pelo poder ou para o poder público. Quando me dispus a cooperar com a Secretaria da Cultura do Estado, entre 1999 e 2001, procurei associar profissionais e instituições, junto à Discoteca Pública Natho Henn, para realizar projetos de preservação da memória musical do RS. Mas a falta de sensibilidade e de conhecimento, de parte das “instâncias superiores”, é enorme. O interesse da maioria dos políticos pela cultura e pela arte muitas vezes é nenhum. Só que lhes interessa é a carreira pessoal. Para realizar um Encontro, o sétimo, por exemplo, cujo destaque foi a qualidade de execução das obras, tivemos enormes dificuldades. A ópera *Carmela*, de Araújo Vianna, montou-se a duras penas. Hoje, está sendo apreciada no Brasil e no exterior.

Pode especificar algumas dessas dificuldades?

Dou um exemplo: como se pode imaginar uma discoteca pública que não tenha equipamentos adequados para a mera escuta das peças de seu acervo? Como se pode imaginar que o poder público não tenha recursos para custear armários de discos e livros, nem para pagar equipamentos e recursos humanos que permitam a informatização e digitalização deste acervo? Que não tenha recursos sequer para sua manutenção? Esta é a realidade. Outro, de agora: fazendo a triagem de fitas antigas que estavam jogadas no sótão da Rádio da Universidade, encontrei inúmeras estréias de obras – como a da *Canata a Santa Maria*, de Alfred Hülsberg, com texto de Carlos Jorge Appel, de 1963. Numa outra fita, imagine, há a *Serenata Dotrefoa*, de Armando Albuquerque, com versos de Athos Damasceno Ferreira, cantada nada mais nada menos que por Andino Abreu, acompanhado pelo piano do próprio Armando. Estamos com dificuldade de escutá-la. Enfim, tenho encontrado um material precioso do ponto de vista histórico. Espero que desta vez seja escutado, pelo menos para ser preservado e recuperado.

Qual a função da música?

Se é que entendi a pergunta, posso responder assim: o dia em que eu tiver decifrado este enigma, o dia em que tiver resolvido esta questão, talvez deixe de fazer música e comece a praticar outra arte para também chegar lá.

# Lúcio Haggemann, 30 anos de UFRGS

FOTOS RICARDO DE ANDRADE

ADEMAR VARGAS DE FREITAS  
Jornalista

**Ele não reclama da disciplina imposta pela mãe dentro de casa. Nem do sistema rígido que enfrentou na escola evangélica. Essas coisas só o ajudaram no trabalho que realizaria mais tarde ao longo dos 30 anos em que trabalhou na UFRGS, ajudando a implantar a Reforma Universitária e a estruturar o Departamento de Psicologia, hoje transformado em Instituto, no qual lecionou. Com a mesma disposição para a luta, enfrentou a experiência de voltar a estudar numa época em que a maioria está se aposentando.**

Lúcio Haggemann passou 30 anos dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 25 deles, lecionando. Entrou por concurso interno em abril de 1962, como oficial de administração no antigo Departamento de Pessoal, hoje Pró-reitoria de Recursos Humanos. Atuou nesse setor até 1964, quando já estava formado em Filosofia (que na época tinha três anos de Psicologia).

Em seguida, foi convidado a trabalhar com o professor Nilo Antunes Maciel, o último catedrático de Psicologia, antes que a Reforma Universitária acabasse com as cátedras e instituisse os departamentos, em 1970. Maciel também era diretor do Departamento de Psicologia Clínica, que, na Reforma, deu origem ao Centro de Orientação e Seleção Profissional (Coesp).

Lúcio trabalhou no Departamento de Psicologia Clínica até o início de 1969, quando o professor Eduardo Faraco assumiu a Reitoria e o convidou para trabalhar como assessor de gabinete, cargo que ocupou até meados de 1971. Ele considera que esse foi um período extremamente fecundo de sua atividade, quando se desencadeou a Reforma Universitária.

"O chefe de gabinete da época era o professor Jorge Honório Brito, recentemente falecido, que depois foi diretor da Faculdade de Odontologia. O professor Brito e eu fomos os autores de todos os atos da Reforma Universitária, que ocorreu em setembro de 1970, logo após a Seleção Brasileira ter conquistado o tricampeonato mundial de futebol, no México."

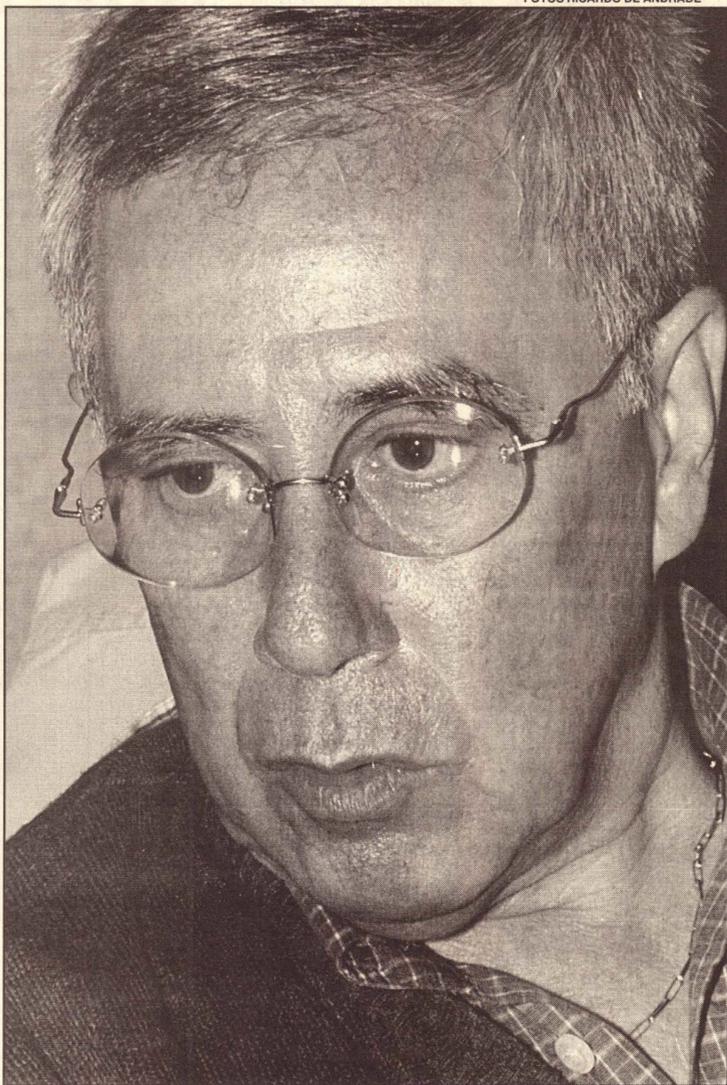
Em função desse trabalho, Lúcio

teve contato com toda a Universidade, trabalhando nos mais variados setores. Nessa época, já lecionava e tinha feito mestrado em Psicologia Educacional. Em meados de 1971, passou a se dedicar inteiramente ao ensino. Primeiro fez concurso para auxiliar, depois para professor assistente, em seguida fez concurso de títulos para professor adjunto. Em 1984, fez concurso para professor titular.

Então, foi convidado a trabalhar na agência regional do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) recém implantada na Região Sul, sob a superintendência do professor Manoel André da Rocha. Quando Rocha saiu para assumir a Procuradoria-geral do Estado, Lúcio foi indicado para superintendente. Permaneceu na função até a extinção da agência, no advento do governo Collor, em 1990.

Esse foi outro período fértil de sua vida acadêmica. "Meu horizonte, que antes se limitava à UFRGS, ampliou-se para outras universidades, tanto do Estado quanto da Região Sul." Nesse período, ele começou a realizar uma antiga aspiração: fazer o Curso de Direito. Começou em 1986 e, com as interrupções necessárias, concluiu em 1993.

"Uma das motivações para me aposentar, além de evitar a perda de direitos, ameaçados pelo governo Collor, foi concluir o curso. E foi muito gratificante retornar à condição de estudante, já com mais de 50 anos, no meio de um grupo de jovens. Rejuvenesci bastante nesse contato, quase que em tempo integral, com os alunos do Direito."



"A Psicologia é considerada área nobre dentro da Universidade"

## Disciplina rígida

Lúcio Haggemann nasceu em Santa Cruz do Sul, no dia 25 de outubro de 1935, de uma família de quatro filhos. Antes dele veio Lauro\* e Liris, depois dele veio Liane Leonora. O pai, Theodoro Haggemann, era funcionário de uma indústria fumageira. A mãe, Anna Aurora, impunha disciplina rígida em casa. E Lúcio se adaptou bem ao regime do Colégio Mauá, de orientação evangélica, onde estudou até o ginásio, com aulas em dois turnos e nos sábados de manhã. E hoje agradece por isso.

As 4 da tarde, quando saía da escola, se encontrava com a turminha da sua rua para jogar futebol. Mas, para ele, as "peladas" só iam até as 6 da tarde, quando ele devia estar em casa, preparando os deveres escolares para o dia seguinte. Também tinha alguns encargos familiares: na época, não havia gás de cozinha, o fogão era a lenha, e ele era o encarregado do suprimento. "Foi uma infância normal, tranquila e muito feliz", ele conclui.

Em 1953, aos 17 anos, Lúcio veio para Porto Alegre e, com um grupo de conterrâneos, fundou a União dos Estudantes Santa-cruzenses, que comprou uma casa na Rua Tomás Flores 278 e a transformou em república de estudantes. Depois de concluir o Curso Científico no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, aos 22 anos, retornou a Santa Cruz para fazer estágio no CPOR (Curso de Preparação de Oficiais da Reserva), no então 8º Regimento de Infantaria. Foi nesse retorno à terra natal que iniciou uma história de amor que dura até hoje.

Lúcio e Isolde já se conheciam. Ela era amiga de sua irmã mais moça. De repente, pintou um clima e começaram a namorar. Ele tinha tido outras namoradas, inclusive em Porto Alegre. Todas cederam lugar a Isolde. Mas o casamento não saiu em seguida: entre namoro e noivado passaram quase cinco anos.

De volta a Porto Alegre, começou a trabalhar como redator de notícias na Rádio Farroupilha e inscreveu-se no vestibular da UFRGS para o Curso de Filosofia, que na época tinha três anos de Psicologia. Formou-se em 1962. No ano seguinte voltou a Santa Cruz para casar com Isolde. Estão casados há 39 anos.

O casal tem três filhos: Alexandre, 37 anos, Luciano, 33, e Adriano, 31. Todos formados, todos com suas relações, nenhum com filhos. "Ainda não tenho netos e considero que isso é uma falha no meu currículo. Mas, a atual geração está retardando seus compromissos, e meus filhos não fogem à regra."

\*Lauro Haggemann, irmão de Lúcio, apresentou o Repórter Esso na Rádio Farroupilha durante muitos anos. Foi vereador pelo PC do B em Porto Alegre, passando mais tarde para o PT. O timbre de voz dos dois é semelhante, e ambos falam com calma, pronunciando bem os erres. Como Lauro, Lúcio trabalhou nos Diários Associados, mas só enquanto estudante. Foi redator de notícias na Farroupilha. Mas nunca se interessou por política partidária. "Sempre tive minhas preferências políticas, mais em relação à esquerda, mas nunca tive filiação partidária."

## Reforma Universitária

Segundo Lúcio, até o advento da Reforma Universitária, a UFRGS era um conglomerado, quase que uma federação de escolas e faculdades com muita autonomia, ligados à universidade através do assento de seus diretores e de um de seus representantes no Conselho Universitário. As faculdades tinham autonomia didática, pedagógica, financeira e tudo o mais.

"Um exemplo: antes da Reforma, a Faculdade de Filosofia, que alguns, erroneamente, dizem ter sido de Filosofia Ciências e Letras, tinha 14 cursos, era quase uma universidade dentro da própria universidade. O que caracterizava o sistema de cátedra era uma autoridade muito grande do catedrático. Aqui na UFRGS, poucos professores fizeram o concurso de cátedra, que era extremamente rigoroso."

Essa estrutura foi completamente refeita, não por iniciativa do reitor Eduardo Faraco mas por imposição de lei baixada em 1968, e que aqui foi executada em setembro de 1970, mantendo-se praticamente a mesma até hoje. "Eram 82 departamentos, hoje não sei se chegam a 90. Foram criados os departamentos de Informática e houve alguns desdobramentos de unidades."

A departamentalização deu mais flexibilidade ao ensino, diz Lúcio. "Antes, por exemplo, em caso de reprovação em alguma disciplina, o aluno teria que esperar um ano para repetir aquela matéria. Pelo sistema atual, de departamentalização, teoricamente, todas as disciplinas são oferecidas semestralmente. Outra vantagem: o aluno tem compromissos com um currículo estabelecido pelas comissões de curso, mas pode flexibilizar um pouco sua formação através das disciplinas opcionais."

O professor reconhece que o sistema implantado provocou um distanciamento entre os alunos. "Hoje, alguns dizem que só foram se conhecer ao concluírem o curso ou no dia da formatura. Isso, dentro do pragmatismo da reforma, é um aspecto negativo. Mas não creio que, nesse caso, tenha havido intencionalidade. Claro que a reforma foi feita em pleno governo militar, mas ela tem origem em outras fontes também, inclusive americanas. Esse sistema de departamentos aplicado aqui é originário do ensino nos Estados Unidos."



"Fins de semana são divididos entre Porto Alegre, Santa Cruz e Torres"

## AVENIDA F. C.

"Em Santa Cruz, pertencíamos a um clube tradicional, o Corinthians, em que a atividade esportiva predominante era o basquete. Nunca fui nenhum destaque, mas praticava basquete e futebol de várzea. Naquela época, só havia um time de futebol na cidade, o Santa Cruz Futebol Clube, que ainda existe. Quando se constituiu o Avenida Futebol Clube, passei a ser torcedor por ele. Mas no basquete sempre fui fiel ao Corinthians, que recentemente foi campeão brasileiro, o Pit-Corinthians. E desde guri fui colorado."

## LER E ESCREVER

"Leio três jornais diários, uma revista semanal de informação e troco idéias com os amigos pelo telefone. Já li de tudo: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Humberto de Campos, Guimarães Rosa, os clássicos. Li a Comédia Humana, do Balzac, logo que foi lançada pela Editora Globo. Gosto muito de biografias e de romance policial, mas confesso que já fui um leitor mais voraz e assíduo do que sou hoje. Ainda pretendo escrever alguma coisa. É um débito que tenho para comigo mesmo, e pelo qual sou cobrado, especialmente por meu filho mais velho: Ainda não sei exatamente o que vou escrever, mas já tenho um título para a primeira obra: *Antes que eu esqueça*."

## ADVOGANDO EM CASA

"Sou fundador da Adufrgs e já integrei duas diretorias como vice-presidente. Na atual diretoria, por delegação, faço a relação jurídica da Associação com o escritório de advocacia que lhe dá assistência. Em função disso, tenho bastante atividade e posso também empregar os meus conhecimentos jurídicos. Já exerci a advocacia e ainda exerço, mas apenas em relação a causas de amigos mais chegados. Em casa mesmo."

## PSICOLOGIA INEXPLORADA

"É preciso dedicação, empenho e seriedade para levar avante uma linha de pesquisa ou de atividade, em qualquer ramo da Psicologia. Tanto para quem se dedica a uma atividade clínica, pela qual a Psicologia ainda é mais conhecida, como para quem faz uma Psicologia voltada a uma atividade educacional, extremamente necessária mas bastante negligenciada, um campo fértil e inexplorado, devido, em grande parte, à deficiência do ensino público. Outro ramo da Psicologia que deve se fazer presente é a antes denominada Psicologia do Trabalho, que hoje chamam de Psicologia Organizacional."

## CAÇA ÀS BRUXAS

"Foi um período extremamente difícil na Universidade, especialmente na antiga Faculdade de Filosofia. Algumas pessoas, por desavenças pessoais antigas (e até por ciúmes intelectuais), se aproveitaram das circunstâncias do movimento militar (golpe, revolução ou da ditadura, como queira) e promoveram uma caça às bruxas. Na Filosofia, tivemos uma perda importante, o professor Gerd Bornheim, uma expressão dentro da nossa universidade. Também lamentamos a saída do professor Ernani Maria Fiori, que, com toda a sua tradição católica, foi cassado, como muitos outros, injustamente afastados do convívio universitário. Comigo não aconteceu, mas chegaram até mim comentários sobre a 'inconveniência' da minha participação como docente superior."

## NO STRESS

"Meu sonho é ter boa qualidade de vida e me manter ativo. Não adianta viver até os 90 anos sentado numa cadeira de rodas, confinado ou com atividade mental reduzida. Meu sonho é viver bem e, para mim, viver bem é viver ativo, podendo viajar, podendo ler, sem ter grandes restrições. Eu já tenho algumas limitações, sou safenado, mas cuido muito da minha saúde e fujo de situações conflituosas e tensionantes. Quero uma vida sem stress. Hoje, me dou ao luxo de fazer aquilo que me dá satisfação."

## VIAJAR, VIAJAR

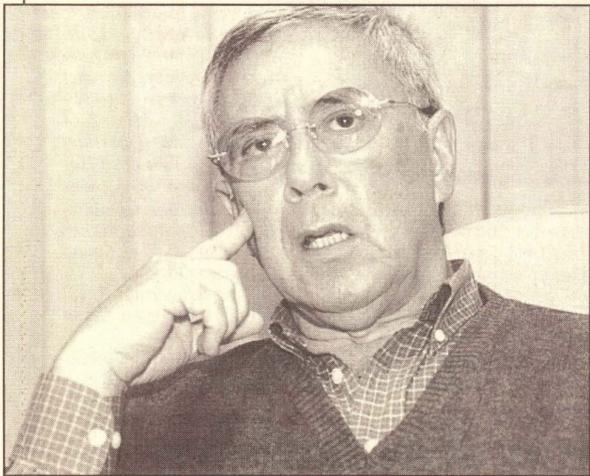
"Gosto muito de viajar. Praticamente todos os fins-de-semana ou vamos para a chácara em Santa Cruz ou para o apartamento de Torres. E tenho uma cota num apartamento em Punta del Este. Também viajamos bastante para o Exterior, especialmente para a Europa, que conheço praticamente toda. Nos Estados Unidos vou principalmente a Nova York. Estive em Cuba, também. E, para não dizer que não estive na África, este ano visitamos Túnis, na Tunísia."

## VIVENDO O VERÃO

"Tenho um grupo de amigos com quem converso constantemente pelo telefone. Meus encontros sociais se dão com esses amigos, especialmente no verão, em Torres. Em Punta del Este vou apenas uma semana por ano, e é um relax comigo e com minha mulher. A gente se renova anualmente em Punta. A própria viagem já é bastante agradável: vamos de carro e, normalmente, damos uma chegada em Montevideu, que hoje já não oferece grandes atrativos mas sempre é oportuno visitar. É bastante parecida com Porto Alegre, do mesmo porte."

## CAES E GATOS

"Antes da caminhada matinal, passeio com os cães: um beagle chamado Barish (de Barishnikov) e dois SRD (sem raça definida). O malhado de preto e branco, estilo ovelheiro, é o maior e se chama Tóbi. Meu filho do meio foi praticamente adotado por esse cachorro. O preto se chama Othello, com th e dois eles, como costumou brincar com uma das minhas noras, que é mais doña dele do que eu. Na chácara, em Santa Cruz, temos mais um cachorro, que ainda vai acabar lá em casa. Gosto de gatos, também. Até quis ter um, mas fui vetado."



"Pode parecer demodê, mas sempre fui muito fiel ao meu casamento"

## Psicologia: avançada desde o início

O professor Lúcio Haggemann diz que o ensino de Psicologia na UFRGS é hoje de excelente qualidade, de reconhecimento nacional e internacional, com grande concentração de doutores, dois cursos de mestrado e um de doutorado. Atualmente constitui-se num dos pontos de excelência dentro da Universidade, e Lúcio participou dessa evolução.

A Psicologia começou a ser lecionada na Faculdade de Medicina, dentro da cátedra de Neurologia. Tanto que o primeiro catedrático de Psicologia da antiga Faculdade de Filosofia foi o professor Décio Soares de Souza, que também era catedrático na disciplina de Neurologia. Depois ele se transferiu para o Rio de Janeiro, e a cátedra ficou com o professor Victor de Brito Velho, que teve alguns problemas e se transferiu para Buenos Aires, sendo sucedido pelo professor Nilo Antunes Maciel, simultaneamente catedrático de Psicologia e diretor do Departamento de Psicologia Clínica."

O ensino sistemático veio com o Curso de Psicologia da PUC, em 1962. Após essa data, docentes da UFRGS, depois ligados à Faculdade de Educação, tentaram sem sucesso criar um curso de Psicologia, que só sairia anos depois. Em 1970, durante a Reforma Universitária, Lúcio ajudou a fundar o Departamento de Psicologia, área incipiente, com apenas sete professores. Em 1973, o grupo de docentes ainda restrito e teve a incumbência de implantar o curso.

"A proposta encaminhada ao Departamento continha 98 disciplinas de Psicologia, e nós éramos menos de 10 docentes. Depois foi se ampliando, foram feitos concursos. Particpei da banca examinadora do primeiro concurso, quando foi admitido o professor Luiz Osvaldo Leite, que está até hoje aí. À questão de uns 10 anos para cá, se transformou no Instituto de Psicologia, com a criação de mais dois departamentos. O que era o Departamento de Psicologia se transformou em Instituto, que abriga três departamentos de Psicologia, dentro das correntes mais tradicionais desta ciência.

Durante seis anos, Lúcio foi coordenador do Curso, e nesta condição, por dois períodos, presidiu a Terceira Câmara do Concep (Conselho de Coordenação do Ensino e da Pesquisa), hoje CEP, e integrou o Conselho Universitário (Consun). Aí foi desafiado a fazer o Curso de Direito: "Embora leigo, eu integrava a comissão de Legislação, Regimento e Recursos do Concep, que cheguei até a presidir."

Lúcio lembra que, apesar de acolher um número reduzido de alunos, o ensino de Psicologia sempre teve qualidade. Procurou estabelecer uma linha de pesquisa, com a colaboração do professor argentino, Antonio Maria Batro, que trabalhava dentro de uma linha experimental de Jean Piaget.

"Reproduzimos muitos desses experimentos, com publicações até em revistas internacionais desde essa época. E fizemos extensão através de uma clínica de atendimento psicológico que agora está completando 25 anos de atividades inin-